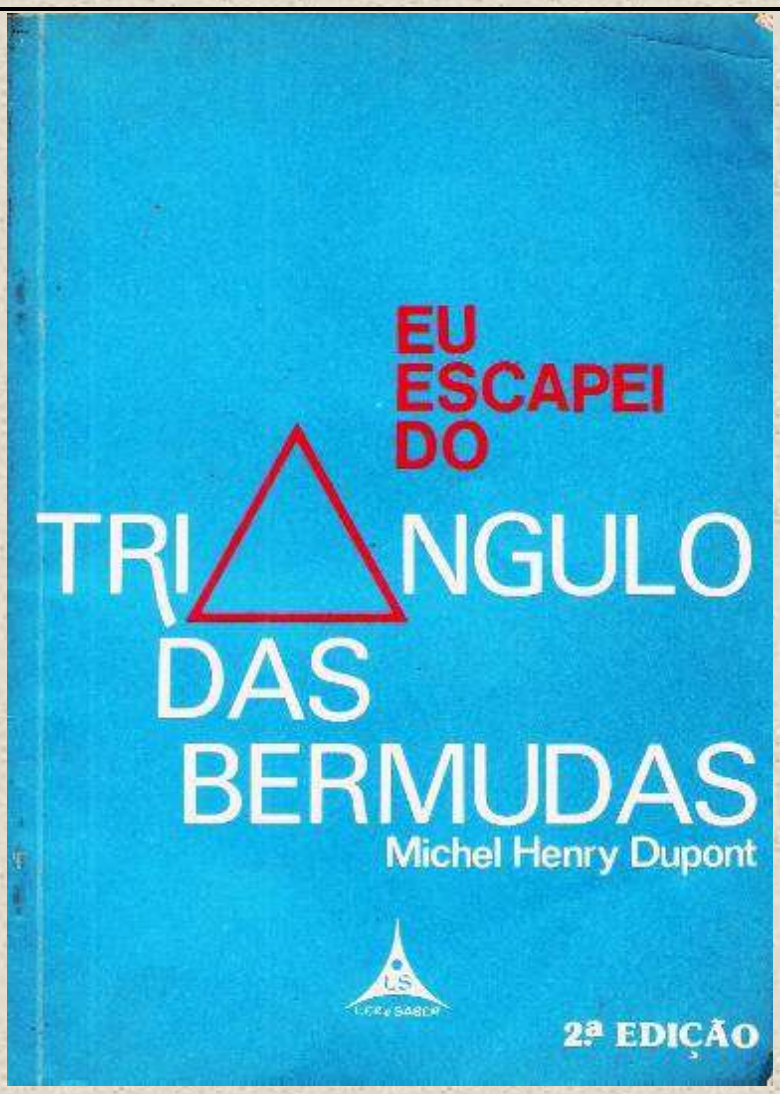

EU
ESCAPEI
DO
TRIÂNGULO
DAS
BERMUDAS
Michel Henry Dupont
LER e SABER
2ª EDIÇÃO

EU ESCAPEI DO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS

Michel Henry Dupont

LUZ E SABER

2ª EDIÇÃO

PREFÁCIO

Vivemos atualmente uma época muito especial: uma época de incertezas em quase todos os níveis de nossa civilização. O nosso conhecimento outrora tão sólido, mostra-se cada vez mais frágil.
Realmente atravessamos uma era de grandes transformações, todos os dias surgem novos conhecimentos e alcançamos novas conquistas.
O ser humano caminha em direção ao espaço, não distante muito

tempo reconheceremos, finalmente, que não estamos sós no universo e que outras grandes civilizações, muito mais preparadas que a nossa estão prontas para compartilhar os seus conhecimentos conosco.
Antes porém, terá que ser separado, "o trigo do joio", joio este, que levou o nosso planeta ao lamentável estado em que agora se encontra.
A mudança terá que ocorrer, e que ninguém tenha dúvidas, a mudança já está ocorrendo, seres intergalácticos já estão atuando em nosso meio, muitos humanos já foram contactados e informados sobre os planos de nossos "Irmãos" do espaço para o nosso futuro imediato.
Não importa o que cremos ser verdadeiro ou não, isto não mudará de forma alguma os acontecimentos programados.
O presente livro do professor Michel Henry Dupont abrange em sua narrativa alguns aspectos que afirmo serem verdadeiros.
Tive a oportunidade de aplicar, com absoluto sucesso, a cromoterapia, neste livro descrito, endossando-a inteiramente.
Alguns de meus familiares, e eu, fomos brindados com contatos extraterrestres que nos confirmaram, entre outras coisas, também a existência dos "Almarans" como descrito nesta obra.
Quem tiver olhos que veja e quem tiver ouvidos que ouça, pois entre o céu e a terra existem muito mais que o nosso modesto atual conhecimento. "Batei e abrir-se-nos-á" quem sabe você seja o próximo a viver e testemunhar fatos inéditos que seus semelhantes porão em dúvida...
Nesta sua segunda edição, felicito ao amigo Michel H. Dupont por sua coragem e humildade em novamente divulgar os fatos por ele testemunhados.

Cordialmente
Gustav Salik

CAPÍTULO I
O Mistério que Oculta o Triângulo da Morte

Eram 6 horas da tarde do dia 20 de janeiro de 1973 quando nos preparávamos para embarcar no avião que nos deveria conduzir desde o aeroporto de Jacksonville em vôo direto, sem escalas até as ilhas Bermudas para desfrutarmos das nossas tão esperadas férias. Na realidade é um prolongamento do nosso descanso que tinha começado nas praias de Miami, lugar este, onde eu e meu companheiro de viagem tínhamos feito amizade com as outras quatro pessoas que nos acompanhavam, todas elas de origem norte-americana.

O fato de que eu e meu acompanhante fôssemos latino-americanos não constituiu nenhum obstáculo para que simpatizássemos desde o primeiro momento com estes dois casais por sua jovialidade e caráter aventureiro. Foi numa de nossas diárias reuniões, nas ensolaradas praias, quando tivemos a idéia de realizar uma visita a estas ilhas, das quais as propagandas turísticas falam verdadeiras maravilhas, por suas belezas naturais e sua quietude reinante, que na realidade era o que mais desejávamos, e coisa quase impossível de conseguir nas barulhentas praias onde nos encontrávamos, por isto, imediatamente, encomendamos a reserva do respectivo vôo numa agência turística.

Entre todos tínhamos formado uma barulheira infernal e as brincadeiras iam de um para outro, consolidando nossa camaradagem. Sentados já na aeronave comercial com mais outras vinte e três pessoas, além da equipagem, foram divulgadas as recomendações de rotina pelas bilíngües aeromoças e partimos, sim, partimos, sem saber que essa partida seria para o resto do pessoal uma viagem sem retorno e que viveriam a mais extraordinária e derradeira aventura de suas vidas.

Abstenho-me de dar os nomes das pessoas que me acompanhavam porque se o presente relato cair nas mãos de seus familiares e

amigos, teria que dar muitas explicações, que, no momento prefiro reservar-me, já que no fim, saberão o acontecido com todos eles, se continuarem a leitura deste livro; e não desejo ser localizado por nenhum deles, nem ainda, pelos seus amigos, pois devo conservar o anonimato pelas razões que poderão compreender no transcorrer da narração dos fatos, tal como sucederam e, onde não deixo transparecer nenhuma fantasia de minha mente.

Eu os alerto, meus irmãos, seres humanos, sem preconceitos raciais; ninguém poderá sentir-se mais estrangeiro do que eu tenho me sentido na minha convivência com "eles", por isto, não obstante os vossos múltiplos defeitos, habitantes do planeta Terra, a cuja raça pertenço não sabeis como vos adoro, e que feliz me sinto de poder estar novamente com vocês e oxalá, que esta felicidade se prolongue até o fim dos meus dias. .Porque corro o risco, mais agora ao divulgar estes acontecimentos, por ter sido seqüestrado por "eles" levando-me ao seu mundo, de onde tornar-se-ia verdadeiramente impossível retornar a este nosso universo iluminado pelo nosso bem amado sol.

A decolagem foi perfeita, as aeromoças nos ensinaram a usar os salva-vidas e, após começaram a nos servir um aperitivo, excelente por certo, porém não sei porque cargas d'água a essas alturas o meu apetite sempre voraz, diminuiu terrivelmente, não tenho nenhuma vontade de ingeri-los, se soubesse que por muito tempo os meus gostos gastronômicos iriam ver-se restringidos a um cardápio tão delicioso nada teria ficado naquela apetitosa bandeja.

Meu lugar achava-se na frente da asa, desliguei-me dos meus companheiros, pois eu não queria perder detalhes do pôr do sol. Aqueles que têm tido oportunidade de observá-lo de um avião, sabem o maravilhoso e emocionante quão resulta vê-lo daquela altitude (aproximadamente doze mil metros), dada a variedade de matizes produzidas pelas nuvens oferecendo-nos um espetáculo sem igual que somente a natureza nos pode brindar.

Devia olhar um pouco para trás, dado que o nosso rumo era em direção leste, a asa atrapalhava-me a visão e fazia com que seu metal me ofuscasse, pelos raios que o sol refletia e que ao serem desviados

por algumas nuvens mais altas, davam a estas uma tonalidade avermelhada.
Fiz compartilhar do espetáculo ao meu amigo Alexandro, que achava-se sentado a meu lado e, em silêncio continuamos nossa contemplação, como deuses do Olimpo, dando nossa aprovação a tão maravilhoso espetáculo de beleza que nos era oferecido por nossa mãe natureza.
Foi nesses momentos que observamos que o resplendor das asas ia aumentando, transformando-se num brilho luminoso, refulgente, porém não o avermelhado recebido do sol, senão uma cor entre amarelo e o branco, isto ia aumentando e a asa estava se transformando num resplendor intenso, tal como a luminosidade produzida pelo raio. Este fato começou a inquietar-nos, mas como não tínhamos nenhuma comunicação ou alarme dimanado da cabina do piloto, continuamos observando. Quero relatar nos mínimos detalhes tudo o que ocorrera na continuidade, para que os leitores possam tirar suas próprias conclusões daquilo que estava nos acontecendo.
O resplendor já tinha chegado a um grau de grande irritação para nossas pupilas, e os outros passageiros tinham-se dado conta do que ocorria e os comentários se generalizavam. Os que iam sentados no lado oposto observavam idêntico fenômeno na asa do seu lado, de repente, das mesmas começaram a desprender-se faíscas, sim, faíscas como as que produz um pedaço de aço ao ser passado pelo esmeril, era possível vê-las por todas as bordas da asa e isto alarmou os passageiros e sobretudo as mulheres que começaram a dar gritinhos histéricos e, pude observar como duas aeromoças e o comissário de bordo passaram apressados, quase correndo, para a cabina de comando.
Naquele momento escutou-se pelos alto-falantes a voz da aeromoça que aconselhava a abotoar os cintos de segurança e a não fumar; igualmente acendiam-se os letreiros luminosos, situados nas partes superiores do interior do avião.
Contagiados de idêntico nervosismo, começamos de imediato a cumprir as ordens, os comentários aumentavam, e em alguns olhos

viam-se brilhar as lágrimas, pois primeiramente pensamos que ocorrera um curto-circuito, causado pelas faíscas que víamos nas asas, ainda lembrei que fenômenos de eletricidade estática poderiam produzir esses efeitos; desligaram-se todas as luzes do aparelho: as do corredor, dos letreiros e algumas individuais que tinham sido ligadas pelos passageiros para ler; também foi cortada abruptamente a transmissão das palavras alentadoras que dos alto-falantes nos fazia chegar à aeromoça.

Observei meu amigo Alexandro, seu rosto estava pálido, indiscutivelmente o meu semblante estaria igual, sabíamos que alguma coisa estava acontecendo com a aeronave.

Apesar da não existência de luzes, no interior do avião dava para vislumbrar todos os detalhes, devido ao resplendor que saía das asas. Esperávamos a qualquer momento uma explosão ou uma queda vertiginosa, ou alguma coisa inesperada que teria que acontecer porque aquela situação não poderia prolongar-se por mais tempo, ainda que no mais profundo de nossas almas desejássemos que fosse o que fosse, ficasse arrumado logo e que tudo não passasse de um pequeno susto. Nossos desejos não se realizaram porque o que aconteceu em nenhum momento nós poderíamos imaginá-lo por ilógico e incomum.

O avião parecia ter parado seus motores, nada nele dava sensação de funcionamento, não obstante mantinha-se voando, sem movimento algum que desse para demonstrar qualquer anormalidade. Se alguém estivesse dormindo, indiscutivelmente não teria suspeitado o que estava acontecendo.

Instintivamente dei uma olhada no relógio e observei que o ponteiro dos segundos não funcionava. Pensei que estava sem corda. mas percebi que estava quase toda ela dada. Quando conservamos, o mesmo relógio durante muitos anos. Sabemos, somente com o tato, quanta corda lhe resta, porque já se tem integrado à nossa pessoa. Foi por isso que perguntei ao Alexandro pela hora, este notou que também sua máquina estava parada, quase no mesmo momento que a minha, é dizer, eram 6h45min da tarde. Isto terminou por

desconcertar-nos e, nem ao menos, pudemos comentá-lo, quando sentimos um som muito forte como aquele que se sente quando entramos a muita velocidade num túnel. Quando olhei para fora, pude observar que as faíscas da asa tinham desaparecido, mas não a luminosidade que transformou-se em azul e, foi aí que os nossos temores aumentaram, já que toda a aeronave começou a trepidar. .As sacudidas eram tremendas e intermitentes, parecia que o avião não resistiria a tanta comoção e, foi nesse momento quando se fez mais forte a impressão de estarmos entrando num túnel, o som ensurdecedor e a sensação de queda não era percebida na vertical, apenas obliquamente, numa linha bem reta, talvez com destinação definida.

Sabíamos que lá embaixo, somente nos esperavam as águas do oceano, que estávamos longe de toda ilha ou continente; só animava a esperança de que houvesse alguma rota marítima por perto. Mas, esperança de que se ainda não tínhamos caído e não sabíamos se da queda poderíamos sair ilesos. É incrível como nesses momentos em que pressentimos o fim da nossa existência, acumulam-se na nossa mente tantas coisas ao mesmo tempo, pesando diversas possibilidades de salvamento, ainda que fiquemos com lesões ou privados de algum dos sentidos, porém desejamos viver, de qualquer forma, em qualquer estado, embora sozinhos numa ilha, longe da civilização, das riquezas, dos seres queridos, mas salvar-se e viver, de qualquer forma; mas viver. Alguém pode negar que é isto o que sentimos quando passamos por este transe? Todavia quem tiver passado e hoje puder contá-lo, sabe que é assim mesmo.

Entre os passageiros reinava o caos, todos naquele momento lembravam-se de Deus e o invocavam aos gritos; provavelmente queriam lembrá-lo do importante que eram eles na terra, o bem que se tinham comportado cumprindo e observando suas diversas religiões e credos. Alguns tinham-se desprendido do cinto de segurança e tentavam se aproximar da cabina, pois a partir do momento em que começaram a ocorrer estes fatos, os membros da equipagem não tiveram contacto conosco; a palavra e presença

destes indivíduos, tão necessárias nestas circunstâncias, brilhavam pela sua ausência. Esta conduta deixava muito que desejar sobre as suas imagens, ainda que eu compreendesse que, nesses momentos, eles deveriam estar como nós, pensando sobre o futuro incerto que se avizinhava. Aqueles destemidos que tinham a intenção de levantar-se, voltavam de imediato aos seus assentos ao ver que o avião inclinava-se e começava a descer. Pode-se imaginar a série de gritos, choros e maldições dos passageiros; por sua parte, Alexandro não falava, continuava pálido e enxerguei o brilho nos seus olhos de duas incipientes lágrimas; seguramente pensava nos seus entes queridos, aos quais não voltaria a ver e, resignava-se com valentia a sua sina, pois assim era ele, valente e nobre, o querido amigo a quem não voltarei mais a ver, ao menos nesta vida, composta de trilogia humana; já compreenderão porque digo isto. Eu, pelo meu lado, sentia uma intensa emoção, sabia que só poderia esperar a morte, mas não estava disposto a desapontar os meus Gurus e Rhisis da Índia dos quais tantos ensinamentos tenho recebido no que se refere à morte, pelo que só sentia essa intensa emoção e angústia por saber que aproximava-se algo tão emocionante como é a morte mesma. Saber que entraria num mundo completamente diferente, outro plano, como prefira chamar-se, mas por suposto, muito superior ao que nos toca viver, pelo que para mim, apesar de ser jovem, não representava a morte o que para o comum da gente que pensa na desagregação da matéria, senão, mais um bem merecido prêmio, ao passar para um estado superior; ainda assim não acreditava ter cumprido a missão a que me tinha forjado ou proposto antes de me encarnar nesta matéria que ainda ostento. Agora que cheguei ao conhecimento de qual é a minha missão, devo tratar de cumpri-Ia e essa é a causa de meus cuidados para não ser individualizado por "eles", até que não esteja finalizada devo preservar esta matéria e, uma das minhas missões é a de tornar do conhecimento de todos vocês a aventura que tenho vivido e explicar-Ihes em que consiste o mistério que oculta o. "Triângulo da Morte".

Continuávamos a queda, mas a velocidade parecia diminuir e, de

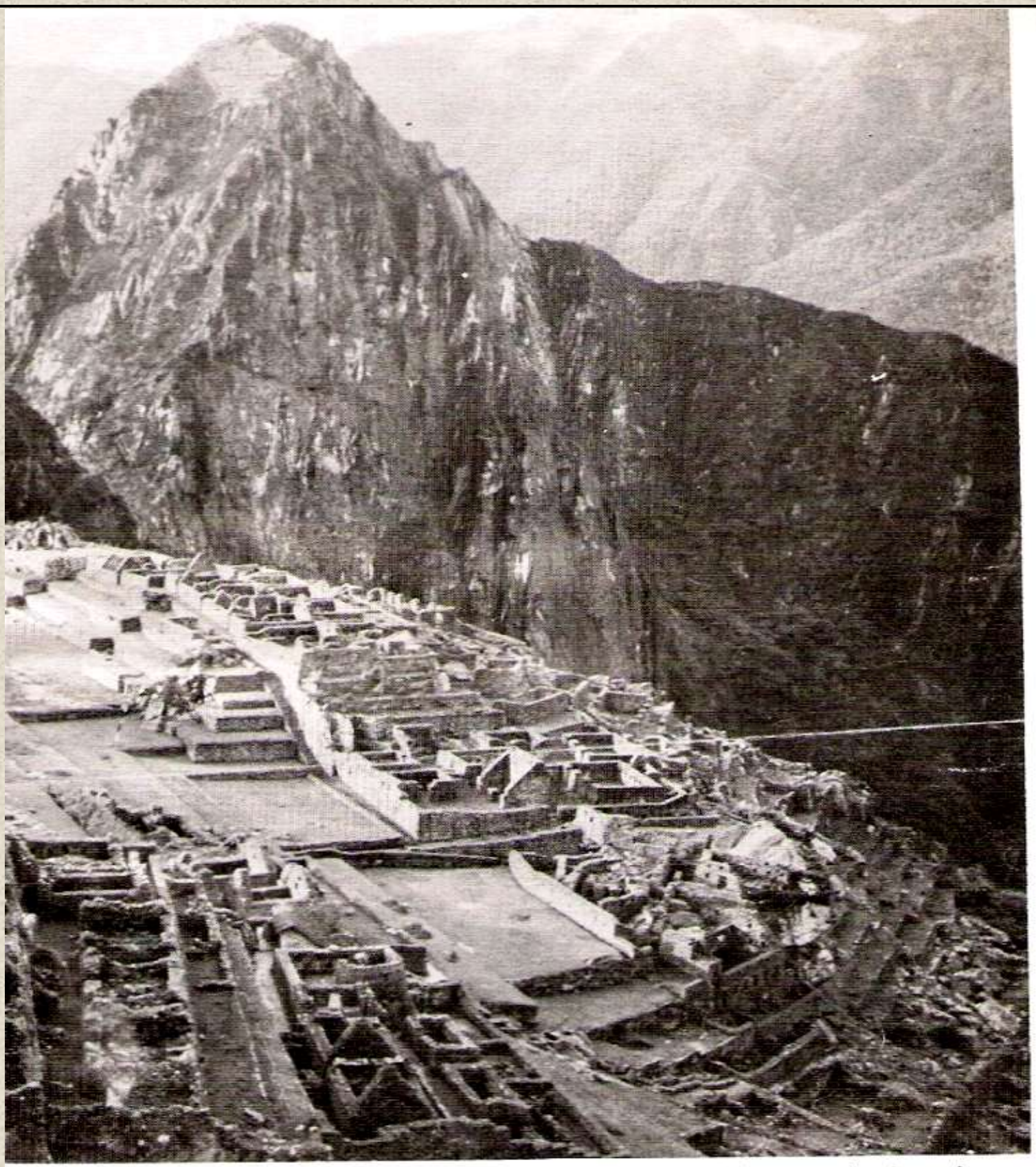
repente o aparelho deixou de trepidar, o zumbido aumentava e já não duvidava que estávamos descendo por um túnel, mas imaterial, ou pelo menos não de matéria densa pois dava para ver o exterior, e como ainda era dia pude observar que atravessávamos nuvens brancas e densas, e quando estávamos abaixo delas, vi águas calmas e um verde-azulado intenso. A velocidade diminuía cada vez mais, mas ainda era excessiva para uma amaragem bem sucedida; as esperanças eram bem poucas. Estávamos a uns seiscentos metros da superfície quando observei a nossa frente o espaço para onde encaminhava-se o aparelho; em forma reta achava-se uma plataforma, ou uma espécie de ilha; sabia que nessas latitudes não existia nenhum promontório rochoso, e menos ainda uma ilha, pelo que levei um grande sobressalto. Sendo isto possível, a aterrissagem suave tornava-se bem remota; nos quebraríamos em mil pedaços sobre essa ilha, já que a velocidade era excessiva. Bem nesses momentos, acudiram à minha mente os relatos que havia lido, além dos informes oficiais, sobre as desaparições no setor que ora atravessávamos, de navios aviões e inclusive frotas de bombardeiros dos quais jamais houve sinais. Muito se tinha falado sobre o mesmo problema, pelo que não desejo repetir tais informações, das quais tem se conhecido desde o século passado e as quais sempre dei crédito, tendo me feito muitas perguntas sobre os referidos mistérios sem pensar que eu seria o pré-destinado para dar conhecimento e luz sobre os mesmos.

Não tinha mais remédio que pensar no sobrenatural, mas, o sobrenatural de que? Já que dos fatos que ocorreram sobre a terra pode-se argumentar, embora que sejam hipóteses do ocorrido, porém não é o mesmo que estar sobre o mar ou as águas do misterioso oceano com suas insondáveis profundidades para onde nos precipitávamos vertiginosamente e, o fato só poderia aplicar-se a um fenômeno ignorado da natureza porque dele não se tinha o mínimo conhecimento, já que talvez todos os que nos antecederam nesta experiência tinham desaparecido por morte, ou talvez, passado à outra dimensão, ou à antimatéria, ou por outras circunstâncias das

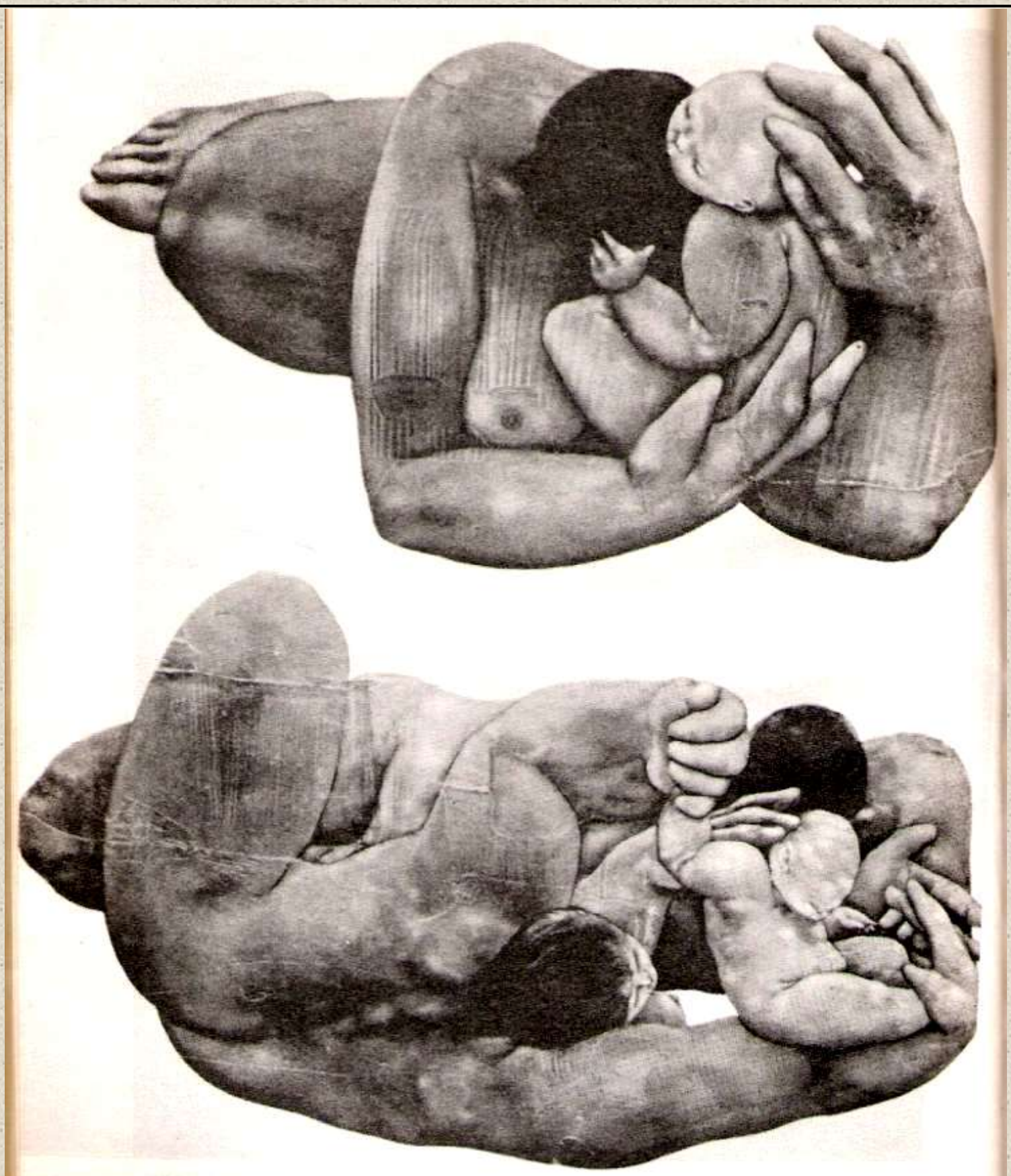
que não poderíamos ter, nem sequer, uma idéia aproximada. De todas as formas, o tempo que tínhamos para pensar era bem pouco ou quase nada; só a nossa maravilhosa mente em tão breves instantes, pôde dedicar-se a discernir; talvez no nosso espírito esteja realmente enraizado o conhecimento de nossa imortalidade, pelo que a despeito dos momentos que estávamos vivendo, não deixava de atuar, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Alguns já não gritavam mais pois tinham desmaiado, alguém vomitava e aí, então, deixei de me preocupar por tudo aquilo que me rodeava e comecei a recitar em sânscrito uma oração que me ensinara o meu mestre hindu para que o meu espírito, ao deixar esta matéria, não tivesse turbações, nem perdesse tempo nas salas de climatização do novo estado que advém após a morte física, porque aquele que já tem conhecimento sobre a mesma, sabe que não se deve perder tempo, senão que se deve seguir agindo e aprendendo, encontrando-se no nível ou plano em que se achar e assim entrar em contato imediato com os seres que seriam nossos guias no novo plano de existência.

O choque com a ilha já não poderia demorar, era iminente; então o aparelho, como se tivesse sido detido no ar por uma gigantesca mão, deteve-se, sim, deteve-se e começou a girar suavemente, como se entrasse em espiral; novamente começou a cair mais suave, muito suavemente e sempre girando; comecei a sentir que a minha cabeça também girava com o aparelho, invadiu-me uma sonolência tremenda, quis erguer-me no assento, mas somente senti que eu me afundava para a frente, sustentado pelo cinto de segurança, já não pude erguer-me mais, sentindo uma espécie de tontura suave e tranqüila. Não sentia nem ruídos nem o meu corpo, nada de nada, como se entrasse num relaxamento profundo, e nessa espécie de sonolência perdi a noção de tudo.



Uns o fizeram entre montanhas nas quais ainda há inumeráveis ruínas. (Machu-Pichu)



Quanto à falta de crianças, era este justamente seu problema

CAPÍTULO II
Os Almarans: Filhos do Sol

Sinto-me cavalgando sobre volutas de fumo, dou passos gigantescos, isto é, quando movimento a perna para frente me desloco como em uma câmara lenta, mas percorrendo grandes distâncias antes que o pé novamente se apóie e, assim sucessivamente cada vez que repito a operação. Tenho os olhos fechados mas sinto uma espécie de música suave, que é, ao mesmo tempo, uma voz que me chamava, esta faz-se mais imperiosa e me arrasta até cair dentro de algo parecido a uma camisa de força molhada. A sensação é desagradável, sei que a tinha sentido antes quando realizava relaxamento profundo por muitas horas e ao tomar contato com a realidade do meu corpo voltava a sentir esta impressão. No fim me adapto com meu pobre corpo porque sinto que estou nele e abro lentamente os olhos.

Meus olhos estão abertos, sim, mas minha mente não quer aceitar o que vem porque o considera ilógico. Oh! Não! O que se passa é muito simples, estou morto! O que estou vendo é só o plano ao qual iria ascender, de repente, vem à minha mente tudo o que acontecera no avião e assim compreendo. Não o esperava tão fácil, não tenho sofrido nenhuma dor física, não senti lesão alguma, sei que posso mexer qualquer parte do meu corpo e isto não me produz nenhuma dor. Meu corpo? Mas... é que ainda continuo nele? Será que tenho uma réplica do anterior? Bom, ponhamo-nos de acordo, talvez este seja uma cópia exata do mesmo e estão aguardando que me aperceba do meu novo estado para que pouco a pouco consiga adaptar-me ao corpo que proporcionará. ou melhor, aquele que sairá à luz ao desfazer-me do atual, como a transformação do bicho da seda em borboleta. Tudo está muito bem, mas não vejo porque também ter feito a réplica do meu velho relógio de pulso. Isto já me resulta ainda mais interessante. Estou deitado e embora não possa

mexer-me sinto a possessão e perfeito estado de todos meus membros e órgãos, a respiração é normal; a luz que dá aos meus olhos é branca, suave, sem poder distinguir de onde ela vem, mesmo porque não posso girar a cabeça. De repente, meu campo visual vê-se interceptado por uma cabeça, sim, uma cabeça de aparência humana, não é humana ao meu entender porque continuo pensando que estou fora do plano material. Os traços desta cabeça, do sexo masculino, são nobres e perfeitamente delineados, maior que o comum, em aproximadamente cinqüenta por cento; a pele totalmente branca, é um branco quase transparente; sorri mostrando uma dentadura perfeita, transmite uma grande paz e amizade, e isso resulta tremendamente agradável, faz-me sentir muito bem, muito tranqüilo, sem pensar que alguma coisa má pudesse ocorrer; da impressão de encontrar-me ante uma estátua grega, mas não... esta mexe-se, sorri e fala; não escuto som algum, isto corrobora meu pensamento de que desencarnei mas de repente lembro que ainda estou com meu relógio, embora não possa vê-lo. As roupas me foram tiradas e acho-me coberto com uma espécie de camisola longa.

Creio que o "ser' que está ao meu lado falou, mas eu não escutei som algum, interpretei claramente que me enviava uma mensagem de tranqüilidade como que dizendo: - logo compreenderá tudo - Sempre com esse sorriso maravilhoso que me fazia lembrar dos meus queridos gurus, afastou-se suavemente do lugar onde eu repousava. Ao partir, pude girar lentamente minha cabeça e segui-o com o olhar; estava vestido com uma blusa de mangas compridas e colarinho aberto, calças ajustadas de tecido elástico mas muito suave e leve e um par de botas de cano curto que se adaptavam perfeitamente aos seus pés. Em tudo, assemelhavam-se a nós; sua estatura era de aproximadamente dois metros e meio; tudo nele era branco, seu corpo, sua pele, cabelo e também a roupa que usava, e mesmo suas botas. Sua Idade? indefinida, tanto poderia ter 30 como 40 anos. O andar elástico, atlético mas suave, tão suave que parecia que se escorregava. Tudo isso observei em breves segundos e continuei com minha exploração nesse novo mundo que eu acreditava ter-me

correspondido logo após a minha morte.
Até aqueles momentos não pensava que pudesse ser outra coisa, tomava-o com grande paz e sentia-me feliz sem saber porque. O momento temido por todos nós tinha passado, havia-o superado e dispunha a empreender a minha nova existência e pelo que apercebi num mundo muito melhor.
Observei meu lado esquerdo; ali também havia uma maca onde se encontra\'a adormecida com o semblante muito tranqüilo, Nory, a esposa de um dos meus amigos norte-americanos. Na continuação havia também outras macas, todas ocupadas por passageiros do avião, os quais aparentemente dormiam placidamente. A sala era imensa e de forma circular, tínhamos sido colocados, frente a frente à duas saídas ou portas e, pude observar que por uma delas retirou-se o ser que estivera junto a mim.
Ao meu lado direito encontravam-se mais cinco camas e, contíguo à minha achava-se meu amigo Alexandro, podem imaginar a minha alegria ao pensar que essa outra vida ia compartilhá-la com meu querido amigo. A felicidade que me invadiu foi indescritível, queria abraçá-lo, pois me falara, mas quando tencionei fazê-lo não tive forças para erguer-me, meus músculos estavam completamente frouxos, isto fêz-me pensar que alguma coisa não estava bem, já não estava tão seguro de estar desencarnado e de encontrar-me em outro plano; comecei a me dar conta que me encontrava dentro do meu próprio corpo. Mil idéias acumulavam-se na minha mente. Onde estávamos então? Quem nos estava atendendo? Tinham atravessado, talvez, alguma barreira invisível como uma janela para outra dimensão ou para a antimatéria, ou tínhamos viajado para o futuro, ou estávamos nas mãos dos tão propalados extraterrestres? Estas e outras mil perguntas eu fazia e nesses momentos me apercebi que estava suando, outra possibilidade a menos de que estivesse da posse de outro corpo; esse senti-o como meu e nada original.
Ao levantar o olhar para o que eu acreditava ser o teto, observei que a cinco metros de altura encontrava-se uma espécie de sacada,

totalmente de cristal, como postos de observação dos centros cirúrgicos dos hospitais, de onde os estudantes podem observar as intervenções, mas, certamente muito maiores. Estavam ocupados por cinco daqueles seres, três masculinos e dois femininos, podia observá-los nítidamente, seus vestuários iguais aos que descrevi do ser anterior e aos que chamarei pelo nome da raça a que pertencem e que logo eu saberia. Aí estavam os últimos expoentes de uma raça que por muitos séculos foram considerados e chamados deuses em todas as civilizações antigas e que têm deixado suas marcas e suas obras por todo o universo. Eles eram os que ainda gostavam de ser chamados filhos do sol, OS ALMARANS, e por este nome os continuarei chamando.

Sem compreender ainda como estava vivo, nem percebi que isso se devia à intervenção destes seres, mas não podia imaginar onde me encontrava.

Eles me observavam e sorriam e como o indivíduo anterior, sentia como se falassem e, enviaram mensagens com a finalidade de me tranqüilizar, que eu era bem-vindo entre eles e que tudo ia bem. Observei que as mulheres eram realmente formosas, de pele e cabelos alvos, longos, penteados simplesmente, caindo até os ombros. Todos tinham o mesmo ar familiar e em rostos notava-se uma aberta e superior inteligência, fazendo-me sentir como protegido por eles na sua inegável sabedoria.

A mútua contemplação demorou ainda alguns minutos, porque logo me vi envolvido numa grande sonolência e adormeci profundamente.

Ao acordar, sem saber as horas que pude ter estado dormindo, a sala continuava com a mesma iluminação, ao meu lado encontravam-se dois daqueles seres do sexo masculino, também com a mesma vestimenta, e agora ao sentir-me completamente lúcido pude observá-los com mais detalhes. Falavam-me apenas mexendo os lábios e sempre sorrindo, mas sem emitir som algum, não obstante, podia compreender perfeitamente o que tentavam dizer-me, como se os estivesse interpretando por meios telepáticos. Mais adiante pude saber que tinham a grande faculdade de fazer-me compreender

transmitindo suas idéias, de forma tão intensa, que qualquer um poderia compreende-las, mas que não podiam receber na sua mente nossos pensamentos por não estarmos ligados na sua mesma freqüência. Inclusive para comunicar-se entre eles mesmos tinham que "sintonizar-se" ou seja, a transmissão não era à vontade. Não podendo ninguém, penetrar indiscretamente nos íntimos pensamentos dos demais.

Estes verdadeiros gigantes me pareceram muito mais altos ao descer da maca em que me achava e ficar parado entre eles e o meu um metro e oitenta pareceu minguar. Comunicavam-me que devia vestir-me com as roupas que naqueles momentos estavam-me entregando que eram iguais às que eles levavam, mas de cor celeste, logo saberia o porque desta diferenciação.

A estas alturas já tinha-me apercebido perfeitamente de que minha teoria anterior sobre a desencarnação não era verdadeira e que estava de posse do meu velho e querido corpo; o que ignorava era quem poderiam ser estes seres que se mostravam tão amigáveis, onde estava e como tinham me salvado. Ao olhar em torno de mim pude observar que também os outros companheiros do avião eram atendidos da mesma forma que eu.

Para vestir-me, deveria tirar essa espécie de camisola que tinha posto, mas debaixo da mesma não tinha nenhum outro objeto e como haviam algumas mulheres na sala me senti inibido de tirá-la, creio que essa situação era a mesma para todos os que se achavam ali, especialmente as mulheres que também resistiam a idéia de mudar de roupa na nossa frente. Isto criou uma espécie de confusão entre estes seres que pareciam não compreender o que estava acontecendo; observaram-nos por alguns instantes seriamente e logo, ao parecer, interpretaram as causas da nossa turbação, isto ocasionou neles um riso espontâneo e mexendo a cabeça, indicaram aos de sexo masculino que os seguíssemos. Passamos de imediato a uma sala contígua, de forma hexagonal; todos os quartos que conheceria daí para frente seriam neste formato. A circular em que nos tinham colocado em primeiro lugar, era uma sala de reabilitação, que

precisava ter essa forma de acordo com os seus conhecimentos médicos; ali fomos bombardeados por raios por nós desconhecidos e que tinham a propriedade de esterilizar-nos e reabilitar-nos de qualquer afecção orgânica que pudéssemos estar sofrendo; como não tínhamos sentido nada, não pudemos nos precaver de que ocorresse algo assim.

Todos os que me acompanhavam encontravam-se, como eu, completamente atônitos, pelo que nenhum articulava palavra alguma e obedeciam cegamente as instruções dos ALMARANS, que usavam para conosco atitudes sumamente gentis mas que denotavam firmeza a que não se poderia deixar de obedecer.

Dentro dos quartos não existia nenhuma mobília, nem quadros e cadeiras, a exceção de uma mesa circular baixinha no centro e que igualmente poderia servir de mesa ou de assento.

Ao terminar de nos vestirmos, comprovei que os objetos ajustavam-se perfeitamente; os dois gigantes que me acompanhavam pediram-me para segui-Ias e fomos para um espaçoso corredor onde em ambos os lados havia móveis semelhantes a poltronas, bastante grandes para mim e, onde indicaram que devia sentar-me, fazendo eles o mesmo; num instante as poltronas deslocaram-se para perto da parede por onde corria uma espécie de fita transportadora, ali acoplaram-se automaticamente e fomos deslizando pela mesma através do longo corredor. À medida que passávamos, íamos enxergando portas, aparentemente escritórios ou quartos em cujo interior adivinhava-se movimento de pessoas. Também cruzamos com muitos destes seres, mas minha presença não Ihes chamou a atenção, como se estivessem habituados a ver-me constantemente.

Não tinha notado nenhuma modificação na minha respiração pelo que pensei que esta gente também utilizava no seu sistema respiratório o oxigênio na mesma proporção que nós e que, sem dúvida seu organismo era igual ao nosso, ainda que a pele e estatura fossem diferentes. Também notava-se uma grande superioridade física e intelectual.

Terminou nosso passeio cinco minutos depois, e nos dirigimos,

sempre guiados amavelmente pelos sorridentes acompanhantes, até uma grande sala; indicaram que deveria sentar-me numa outra poltrona, bastante grande para o meu tamanho, que se encontrava frente a uma grande mesa hexagonal de amplas dimensões, porém não muito alta. Poucos minutos depois foram chegando os meus companheiros de aventura (ou infortúnio?), os quais colocaram-se também, em volta da mesa. Não sei porque esta gente, nos inspirava tanto respeito ou temor que ninguém de nós atinava a falar ou fazer perguntas. Todos estávamos como que aguardando acontecimentos, como se a realidade não existisse ou tudo fosse um sonho do qual cedo ou tarde acordaríamos; troquei um olhar de interrogação com meu amigo Alexandro, e este respondeu-me com um sorriso e um leve levantar de ombros, como dizendo: Sei tanto quanto você meu amigo!

De improviso em nossa frente, sobre a mesa abriram-se uma espécie de painéis, surgindo depois um grande vaso que naquele momento me lembrou um liquidificador em cujo interior constavam várias divisões; podia-se perceber isto já que o liquidificador estava construído numa espécie de vidro ou plástico transparente e com algum brilho, mas na realidade não era nenhum daqueles materiais, dando ao seu conteúdo uma ligeira aparência de fragrância. De cada divisão do vaso saíam canudos, seis no total, os quais aqueles seres nos convidaram a pegar. No começo nos entreolhamos um pouco indecisos, porém aos poucos e vencendo nossa desconfiança, começamos a sugar daqueles líquidos. A verdade é que eram muito agradáveis. Provei-os todos, e todos me agradaram, assemelhavam-se a sucos de frutas tropicais, um pouco espessos, que ao mesmo tempo acalmavam nossa sede e tiravam o apetite, que por certo naqueles momentos, era bem agudo. Enxerguei o rosto de satisfação dos meus companheiros, os quais estavam bastante tranqüilos, como se estivessem desfrutando de umas férias programadas. Parecia que ninguém se lembrava de suas famílias ou problemas, que os estavam aguardando nas suas respectivas residências.

Todos tínhamos tomado o nosso alimento, que não pude chamar de

café da manhã, almoço, merenda ou ceia, porque ignorava que horas poderiam ser, pois o meu relógio continuava sem funcionar, não tinha visto nenhuma janela ou abertura por onde pudesse projetar-se a luz do sol ou a escuridão da noite; a iluminação era perfeita, tudo continuava branco, ignorava de onde vinha a luz, parecia que as paredes a irradiavam. Logo ficaria sabendo que efetivamente, assim era, pois estavam forjadas num material que fazia com que se produzisse essa luminosidade; talvez nós, em nossos avanços tecnológicos também o conseguíssemos algum dia. Esta luz é permanente e não produz cansaço na vista e além disto, permite dormir perfeitamente. Em seguida abriu-se um painel na parede que se encontrava à minha frente e do seu interior surgiu uma ampla poltrona, na qual se encontrava sentado um daqueles gigantes, aparentando mais idade que os anteriores, suas feições perfeitamente delineadas davam-lhe mais ou menos 50 anos, era de aparência venerável, com um sorriso de bondade, mas consegui adivinhar dentro de toda aquela doçura e paz um pouco de tristeza.

Ficamos estáticos, apesar de nos encontrarmos completamente tranqüilos no que se refere a nossa segurança pessoal pela confiança que inspiravam estes seres. Sentimos como um recolhimento religioso ao ficar na presença de um ser superior; a mesma sensação tinha eu sentido quando tive a imensa alegria de ser recebido por um guru, do qual tinha obtido certa iniciação e da qual não vem ao caso falar aqui.

Rodeava este homem uma auréola brilhante de cor dourada, a partir dos ombros e por toda a cabeça, tal e como podemos observar nas estampas de santos e virgens da fé católica. (Talvez assim fossem vistos por aqueles que nos legaram suas imagens).

Começou este ser superior a nos falar, não com a linguagem comum a que estamos habituados, mas como indiquei anteriormente, mexendo os lábios, porém sem sair deles o som, não obstante, suas palavras soavam nitidamente em nosso cérebro, como se tivéssemos um rádio receptor individual no nosso interior.

- "Irmãos habitantes da superfície do Planeta Terra, dou-hes boas-vindas em nome do nosso Conselho Supremo, Diretores, Superiores e

Irmãos, todos de nossa raça Almaran. Quero dizer que não sofreis dano físico algum, tudo será dado, nada será cobrado em volta, mas desde este momento sinto-me na obrigação de vos comunicar que o vosso retorno à superfície e à vida anterior é completamente impossível, e que este é o mundo bem diferente daquele que conheceis, portanto deveis adaptar-vos a ele. O silêncio que até aquele momento tinha reinado rompeu-se como que por encanto, todos nós queríamos falar ao mesmo tempo, exigindo explicações, as mulheres soluçavam e estavam à beira do histerismo, alguns dos homens estavam desesperados e principalmente o piloto, cuja presença se fez destacar, era quem mais queria falar, dando ênfase ao cargo que ocupava e às responsabilidades que tinha.

O superior ergueu-se, pediu calma, sempre com seu sorriso de compreensão e sentimos na nossa mente como um estouro que nos relaxou e nos fez recobrar a calma e o silêncio; imediatamente continuou com seu peculiar modo de expressão sempre demonstrando seu autocontrole e domínio dos outros.

- "Irmãos, começarei relatando o que Ihes têm acontecido e, não só escutareis como o enxergareis, para o que vos peço dirijais vosso olhar para cima. Por cima dele e acoplado na parte superior do painel achava-se uma meia esfera, muito grande, da cor do aço. Não obstante a luz reinante, podia-se ver perfeitamente o écran do aparelho, que poderíamos comparar com um ultra-moderno televisor a cores e, o que mais poderosamente chamou nossa atenção foi o fato de que as imagens eram transmitidas em três dimensões, como se estivéssemos assintindo as cenas em forma direta.

Então ali, apresentou-se-nos um avião em pleno vôo; reconhecemos de imediato nosso próprio avião, não podia ser outro, já que nos tinham prometido mostrar todos os fatos acontecidos. Depois a imagem nos mostrou uma imensa plataforma metálica sobre o mar, inicialmente parecida com uma ilha, mas depois nos apercebemos de que era artificial. Do centro desta plataforma abre-se uma cavidade de onde começa a sair um enorme barulho, depois uma radiante luz que se projetava nas alturas e deu de cheio na aeronave. O facho na

forma de refletor acompanha durante um trecho o avião, e depois dá a impressão como se o detivesse no ar e começa a trazê-lo para a ilha na forma direta, porém diagonalmente. O avião vem baixando a grande velocidade, de repente pára e começa a girar suavemente, ao chegar à grande abertura da plataforma, deixa de girar e penetra pela mesma. Tudo isto estava sendo comandado de quatro cubículos ou torretas que se encontravam ao redor do grande fosso e que se assemelha com os iglus dos esquimós; ali vemos estes seres manobrando uma série de aparelhos e controles como os das cabines dos aviões.

Uma vez engolido o avião no interior da plataforma, grandes pranchas de metal cobriram automaticamente a abertura, e, a plataforma toda submergiu-se, ficando totalmente coberta pelas águas do Atlântico, depois, tudo pareceu voltar à monotonia milenar do Oceano.

Agora o écran devolvia-nos a imagem do avião que, pousando sobre um enorme elevador, parecia descender às profundidades. Logo saberíamos que tinha percorrido aproximadamente 3.000 metros sob o nível do mar. Terminou seu percurso numa ampla prancha onde o esperava um grupo destes seres, os quais de imediato deram-se à tarefa de abrir o avião e começaram a retirar, com grande delicadeza os corpos inconscientes dos passageiros. Sim éramos nós, e estávamos colocados em macas acolchoadas que se encontravam sobre uma fita transportadora, e nos conduziam até uma sala, onde um a um fomos desvestidos, depois passaram nossos corpos por debaixo de uma série de aparelhos que projetavam raios de diversas cores, estes eram, segundo transmitiu-nos o Superior, raios que cumpriam a missão de destruir todo germe ou bactéria que pudéssemos transportar, e produziam uma reestruturação total do corpo para aqueles que estivessem afetados de alguma doença.

Após passar por estes aparelhos recebemos uma espécie de banho com espuma que saía de múltiplas torneiras, parecíamos automóveis dentro de lavadores automáticos. Passamos depois pela secagem com ar e por último nos colocaram as camisolas que vestíamos quando acordamos. Também, por outra série de fitas transportadoras

fomos expedidos à sala circular que já tivemos oportunidade de descrever.
Pude observar que um casal de velhos e uma freira de bastante idade que se encontravam entre os passageiros foram encaminhados para outras dependências e naquele momento não se achavam ali conosco contemplando a transmissão dos fatos. Na realidade, nunca mais vi estas pessoas, depois ficaria sabendo do fim das mesmas.
A voz que nos chegava de forma tão esquisita nos falou da situação deles para conosco quando do seqüestro do avião e o fato de que não nos encontrássemos todos lá, naquele instante, compreendemo-lo quando tivemos conhecimento do seguinte relato:
"Somos, disse o Superior, descendentes dos habitantes do planeta que vocês conhecem como Vênus. Encontramo-nos aqui há aproximadamente 9.000 anos, por causa dos fatos que aparecerão a seguir no écran".
Efetivamente apresentou-se-nos, girando suavemente, um planeta coberto por uma massa irregular parecida com nuvens, mas de uma cor cinzenta; dava a impressão de uma grande massa de levedura. Depois a imagem atravessaria aquelas densas e compactas nuvens e nos mostraria a superfície do planeta sob uma luz entre avermelhada e azulada.
Viam-se os mares e continentes, ao aproximar-se mais na imagem observamos que as terras tinham grandes zonas coloridas, verde, marrom e amarelo; montanhas baixinhas e cidades que nos pareciam gigantescas, de arquitetura bem diferente das conhecidas por nós e na sua maior parte construídas com pedras lavradas com perfeição e, sempre na base das referidas montanhas.
A terra firme estava dividida em duas seções e interligando-as percebiam-se algumas ilhas. Chamou-me a atenção não ver estradas embora observássemos grande quantidade de veículos de diversas altitudes, mas a maioria o fazia muito baixo. A voz que chegava até nós dizia que os mesmos eram propulsados por pequenos aparelhos acoplados aos veículos que produziam um campo de antigravitação e que, por meio de simples controles, podiam ser dirigidos ao seu bel-

prazer; todavia, não queimando combustível impediam a contaminação do ar. Vimos também todas as praias, de areias muito brancas, o mar transparente e de tonalidades mutantes, assemelhando-se bastante às praias cariocas do Brasil. Tudo isto ia passando no écran rapidamente. Também foi-nos mostrada a vida em família destes seres, em sociedade, praticando diversos esportes, além de muitos aparelhos desconhecidos para nós, mas a voz ia explicando as respectivas finalidades. Igualmente viam-se movimentar naves a grande altitude e velocidade, de estranhas formas, na maior parte cilindricas.

Estivemos assim um bom período de tempo vendo como desenvolvia-se a vida desta gente, que aparentava felicidade, paz e bonança. Também, devo acrescentar que nos mostraram o que eram os seus aeroportos, onde decolavam as naves; naves de grande tamanho, que segundo explicou-nos a voz, provinham de viagens de muitos anos pelo espaço infinito em visita a outros planetas.

A voz também nos disse, que naquela época tinham tido contato com habitantes do nosso planeta, especificamente, com os do continente da Atlântida, desaparecida depois da hecatombe produzida por eles mesmos e os quais, segundo o nosso narrador, tinham estatura física quase como a deles. Explicou-nos que tinha sucumbido tal civilização, por não saber manobrar com as forças que possuía da natureza.

Continuou dizendo-nos: - "Esta desgraça acontecida a vossos antepassados teria que haver servido de exemplo a nós, mas não foi assim, e por isto fomos também castigados pela natureza. Observem o que nos sucedeu".

No écran podíamos ver a gente convulsionada, falando agitado e correndo, alguns a pé, outros em seus veículos. Estava produzindo-se, ao parecer, um caos. De repente vimos no céu uma série de projéteis que explodiam em pleno ar; deles surgia uma espécie de chuvisco que ao cair acima de alguma pessoa a transformava totalmente em cinzas. Não afetava os materiais. Em continuação observamos diversos tipos de aeronaves, confrontando-se entre si e disparando raios que ao tocar em alguma delas explodiam de

imediato, ficando depois reduzidos a fumo e poeira.

O céu começou, também, a trocar de cor e vimos que desencadearam-se terríveis furações e tormentas, ventos incontidos e destruidores. A temperatura aumentava terrivelmente. Podíamos observar que nos aeroportos havia longas filas de pessoas lamuriadas e apressadas, subindo nas gigantescas naves interplanetárias, as quais logo partiam para o espaço. Algumas delas não conseguiam e espatifavam-se contra o chão. A gente começou também, a cair nas ruas, o calor continuava aumentando, as águas evaporavam-se, já pouca vida restava naquele mundo, somente alguns mantinham-se em refúgios especiais. Num dado momento, tudo ficou escuro e tremendo, raios elétricos, percorreram toda a superfície. Fortes temores sacudiram o planeta que logo quebrou-se, levantaram-se vulcões, a lava corria por toda parte, tudo ficou destruído pela fúria da natureza e as poucas vidas restantes já não havia nenhuma esperança de sobrevivência.
A imagem desenvolveu-nos a vista do planeta já em calma, porém não é mais o mesmo, nele observamos somente uma massa, como de pedra-pomes, não há água, vegetação nem alguma outra forma de vida, o calor é imenso, aproximadamente 700 graus, conforme nos explicam. Ocorreu como sempre, a cobiça e ânsia do poder tinha-se apossado de um dos seus dirigentes e, confrontando por outro setor oposto às suas idéias desatou-se uma guerra, que, dada à potência de suas armas e não podendo controlá-las, rasgaram a capa protetora que o planeta possuía e que os protegia contra a inclemência dos raios solares, já que na distância a que se encontravam com relação ao sol, isso era fatídico para todo o tipo de vida orgânica por nós conhecida. Ao ficar destruída a referida barreira só podia esperar-se a destruição total de qualquer ser vivo, permanecendo inabitável para o futuro.
As aeronaves sobreviventes que pertenciam a ambas facções em litígio dirigiram-se a diversos pontos do espaço, e algumas delas para o nosso planeta-Terra. Quando chegaram aqui, haviam passados

3.000 anos da desaparição do Atlantes. Não encontraram nenhum inconveniente para instalar-se, já que eram superiores em todos os sentidos, onde os nativos só contavam com armas muito primitivas e não resistindo a essa evidente superioridade.
Estes acontecimentos ocorreram há aproximadamente nove mil anos. O écran continuava nos trazendo imagens e a voz ressoava em nossos cérebros explicando-nos detalhadamente.
Os sobreviventes da facção atacada refugiaram-se em nosso planeta, algo assim em torno de duzentos mil seres, que instalaram-se em diversas partes do globo. Uns o fizeram entre as altas montanhas do Peru, dos quais restam inúmeras ruínas, entre elas as de Machu Pichu e muitas outras que ainda não foram descobertas; outros no México. Na América Central; no Sul do Solo Americano preferiram os altos Andes, onde muitas das suas ruínas estão cobertas de neve e outras são de difícil acesso e que possivelmente algum dia também serão descobertas. Outros no Tibet. No Continente Europeu o fizeram na Espanha e nas Ilhas Britânicas. Também instalaram-se no Japão. Estiveram em algumas partes de forma temporária. Percorreram tudo buscando as zonas onde poderiam ambientar-se mais facilmente. Nesta procura acharam restos e monumentos dos Atlantes, e compreenderam as mensagens por eles deixadas (tais como as Pirâmides Egípcias e muitas outras coisas que ainda restam dessa raça extinta). Foram em todas as partes bem acolhidos pelos terrestres que viam neles deuses que vinham do Sol. Porém trataram de não viver nos arredores e para isto construíram suas cidades em lugares quase inacessíveis para os nativos; não obstante foram selecionados os mais inteligentes dentre eles para receberem ensinamentos sobre remédios naturais, do melhor aproveitamento das terras para sua agricultura e. moradias. Durante séculos e muito lentamente iam preparando-os para ter a sua própria civilização, pois não desejavam, nem podiam alterar a ordem evolutiva natural da raça original da cada planeta do universo, pois tudo cumpre-se por ciclos, assim como também não podiam cruzar as raças, por quanto seus corpos encontravam-se mais evoluídos e suas vidas prolongavam-se

até os dois mil anos. Mais tarde enviaram instrutores para que morassem entre os nativos (a Bíblia fala daqueles que viviam tantos anos e eram gigantes) a estes visitavam periodicamente com suas aeronaves e mantinham uma grande confraternização e ajuda mútua.
Estavam juramentados para não usar a violência e menos ainda provocar a morte, nem entre eles nem aos demais. Seus ensinamentos se fizeram cada vez mais amplos para determinados grupos de cada zona (os sacerdotes) aos quais proporcionaram conhecimentos muito extensos sobre as ciências físicas e espirituais tais como: a natureza da nossa terra, do espaço sideral por eles conhecido e do mundo espiritual que nos espera além da morte, conhecimentos estes, que ainda hoje, encontramos nos ensinamentos orientais e yoguísticos.
Transcorreram desta forma aproximadamente três mil anos, tinham-se adaptado a nossa terra e mantinham uma vida tranqüila sem participar de forma muito direta sobre as raças primitivas deste planeta que evoluíam muito lentamente.
Construíram também suas pistas de pouso interplanetárias em muitas zonas rochosas, as principais no norte do Chile (ainda estão lá) e de onde realizavam viagens aos outros planetas onde achavam-se colônias de outros grupos de sobreviventes (este intercâmbio espacial ainda segue-se produzindo em nossos dias) e parecia que o que ocorrera no seu amado Vênus já pertencia ao esquecimento, mas isto não era assim.
Os sobreviventes da facção rival também acharam um local onde habitar, mas também levaram com eles o ódio para seus congêneres e ao contrário destes, foram buscá-los e destruí-los totalmente, onde os ensinamentos para seus descendentes eram cheios de rancores e ódio. Especializaram-se na construção de armas mortíferas e preparam-se para uma luta próxima. Achando que já estavam em condições para executar sua vingança começaram a percorrer planetas e sistemas solares e, onde achavam colônias ou sobreviventes da facção inimiga travavam com eles tremendas lutas, até ficar uma delas totalmente destruída.

Pelos conhecedores, destes fatos, os que se achavam na nossa terra, começaram a não se deixar ver muito pelos motivos apontados. Abandonaram algumas das suas cidades e retiraram-se a maiores alturas em recônditos vales, ao mesmo tempo que preparavam aeronaves e armamentos para sua defesa. Sua população era em torno de mais ou menos de hum milhão de habitantes, pois reproduziram-se muito pouco e com controle sobre a natalidade, pois sabem o perigo de uma superpopulação (a mesma coisa nos acontece) ademais o processo educativo é muito longo e os encarregados são os próprios pais, pelo que não poderiam atender muitas crianças em ensinamentos tão especiais. Os casais costumavam ter somente três filhos, um a cada cem anos aproximadamente.

Também construíram um imenso túnel de grandes dimensões, com grandes salas que podiam salvaguardar milhões de pessoas e onde poderiam conseguir alimentos; um deles acha-se sob a maior proteção para qualquer cataclismo sob a Cordilheira dos Andes, que atravessa quase a totalidade do Continente Americano, com conexões do mar por onde conseguiam os alimentos. Também, outro menor acha-se nas Montanhas Tibetanas (o primeiro foi descoberto em partes e tem sido habitado por muito pouco tempo, ao contrário do Tibet que ainda acha-se habitado e em pleno uso).

Assim chegou o dia em que foram localizados pelos inimigos, mas não desejosos de apresentar batalhas, e para manter seu juramento de não agressão e destruição de outros seres, abandonaram todas as cidades do exterior e refugiaram-se naqueles túneis.

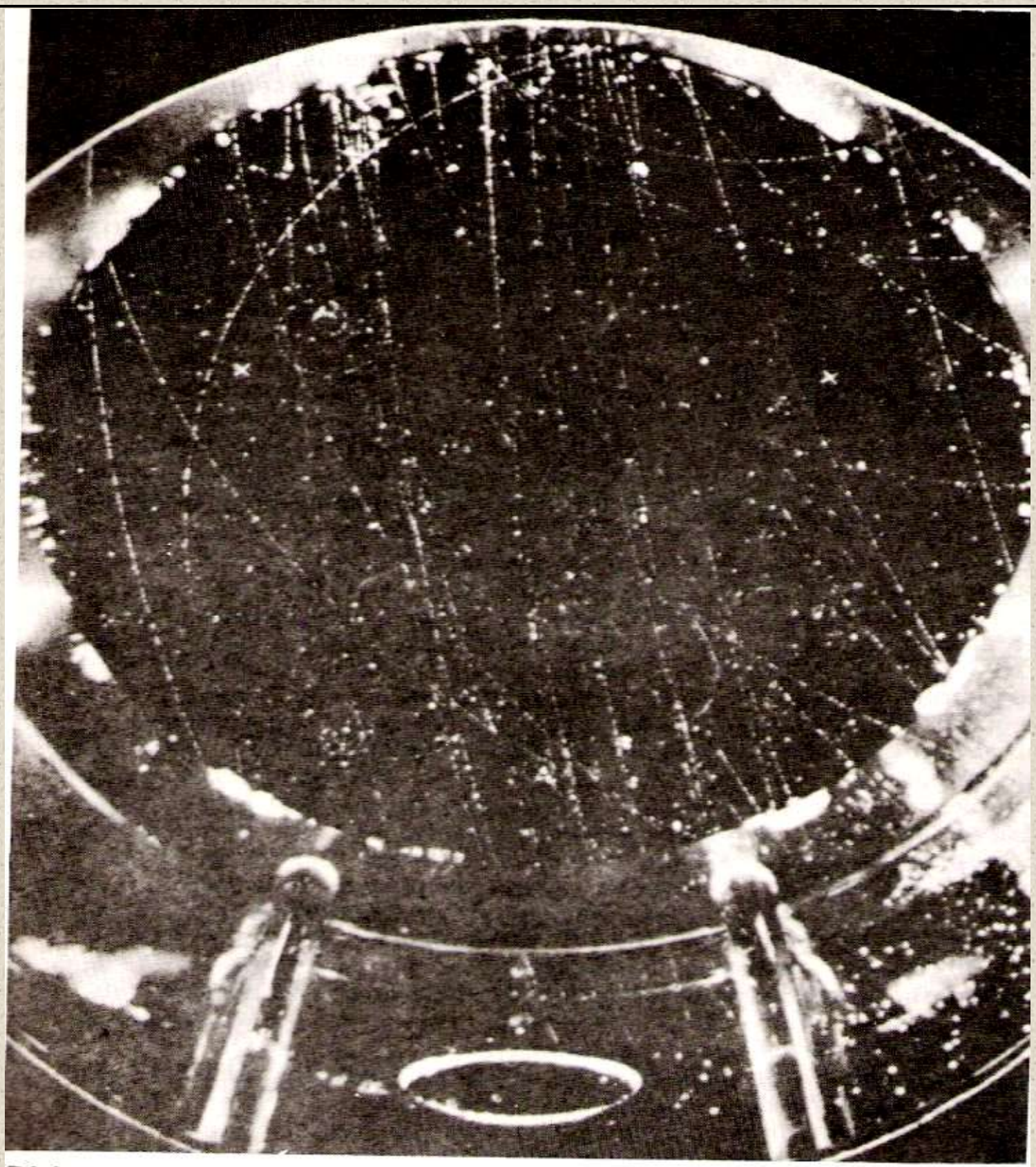
Ao chegarem os cruéis invasores, somente acharam nativos, mas observaram as marcas do progresso deixadas pelos seus convenusianos, por isto os aprisionaram submetendo-os a rigorosos interrogatórios para saber deles o seu paradeiro, mas suas solicitações resultaram em vão, já que eles não podiam esquecer a ajuda que durante séculos haviam recebido de seus bondosos protetores. Não podiam ser capazes de delatá-las, mas... apareceu o judas dos terrestres e falou, contou quanto sabia, mas não pôde

precisar o lugar onde tinham-se refugiado, em vista do que os novos visitantes, cheios de cólera, difundiram por toda a terra, por diversas formas e meios, para que os Almarans tivessem conhecimento de que se não se apresentassem para lutar ou render-se, tomariam represálias com os nativos.

Souberam esses, mas pensando que não dando sinais de vida os invasores terminariam por cansar-se e ir embora, não responderam ao desafio.

Não obstante, a ameaça não foi em vão e bem caro a pagariam os humanos. Lançaram suas bombas sobre as cidade de Sodoma e Gomorra e de tal fato a Bíblia possui um amplo relato, destruindo completamente aquelas duas cidades. O grande traidor foi aquele senhor cujo nome também dá-se e que fora salvo pelos "anjos" (agora sabemos que eram invasores) que lhe preveniram para afastar-se da cidade com sua família e que não se virasse; sua mulher não obedeceu e como castigo foi transformada em cinzas ou sal atômico, como ocorrera com os seres que haviam sucumbido na guerra do seu planeta.

Ante tão espantosa crueldade cometida sobre povos indefesos, os Almarans comunicaram sua decisão de lutar e assim foi que chegaram a enfrentar-se numa luta exterminadora.



Diziam ser habitantes de um planeta longínquo e mostravam no mapa celestial a sua localização: não havia a menor dúvida, eram de Vênus.

CAPÍTULO III
As Cidades Submersas

Numa região da Índia realiza-se a mortífera batalha que durou três dias e três noites. Levou-se a efeito totalmente no ar sendo testemunhas do fato os nativos que deixaram um extenso relato da-mesma, tendo chegado até nós, nos Livros Indus, nos trechos das narrações épicas do Mahabarato e as Cosmogonias populares dos Purana, tudo isto acha-se nos Vedas com grande amplitude de detalhes; ali a batalha está perfeitamente descrita, incluindo os navios de guerra utilizados, armas, descrição das mesmas e seus efeitos, os quais remeto ao leitor. Foi uma luta tão impressionante que não se poderia esquecer dela por muitos séculos e, seu assentamento foi feito nos mencionados livros 600 anos a.C. Da ação não houve restos porque as armas eram tão mortais que o tocado pelos seus raios ficava reduzido a nada. Restaram muito poucos sobreviventes, o pacto era de lutar até que uma das facções ficasse totalmente destruída, sem fazer reféns. De ambos os lados portaram-se valentemente indo para o combate cheios de coragem. A facção vitoriosa reuniu-se na presença dos nativos e um dos chefes arengou extensamente. Falava com energia e muita tristeza, depois acenou um adeus dizendo-Ihes que sua despedida era definitiva, que nunca mais voltariam a saber deles, coisa que produziu grande pena entre os nativos pelo muito que deviam a estes seres aos quais chegaram a chamar deuses do céu (anjos, filhos do Sol, etc), de quem recebiam ensinamentos e proteção. O choro destes, parece que os enterneceu e, não se sabe se para conformá-los, prometeram-Ihes um retorno só nos momentos críticos de suas existências. Fizeram muito mais pelos Hebreus aos quais entregaram um aparelho transmissor para comunicar-se com eles quando necessitassem dos seus conselhos. Todos sabemos da existência da Arca da Grande Aliança, justamente

da aliança com eles. Atualmente tentou-se construir esse aparelho, que a Bíblia descreve perfeitamente indicando como era e como estava construído. Era um aparelho eletrônico de tremenda voltagem, no momento, impossível de manobrá-lo. A mesma Bíblia fala de uma série de cuidados que deveriam ser tomados para manipulá-lo, confundindo-os com rituais. Quando na realidade era para não sofrer descargas elétricas, carregado de força elétrica. Lembramos ainda que daquele aparelho saía a voz de Deus quando era manejado pelos Sacerdotes (ou técnicos eletrônicos).

Os sobreviventes entraram nas aeronaves e partiram para o céu azul com rumo desconhecido.

Depois vemos todas as aeronaves dos Almarans que se reúnem num ponto da terra, que parece, a América Central; ainda não são numerosos, sobre oitocentos mil. Iniciam a construção de cidades no meio dum impenetrável terreno oculto para estarem cobertos do contato e olhar dos nativos. Destacam entre as construções os observatórios astronômicos e com diversos equipamentos observam o céu permanentemente.

Não há dúvida que temem a chegada de novas hostes de invasores. Finalmente consideram que viver nessa angústia não é lógico, pelo que, reunido o Grande Conselho, decidem construir uma grande cidade, onde possam ter todas as comodidades anteriores e continuar com os hábitos e formas de vida tão avançados à nossas civilizações e, que estivesse oculta à vista dos habitantes deste planeta, para não interferir na sua vida e progresso, dado que o plano cósmico devia continuar sem a sua intervenção para evitar os avanços no progresso e qualquer tipo de alteração da natureza.

Eles já construíram grandes túneis na Cordilheira dos Andes, também do Tibet; os primeiros eram conhecidos pelos Sacerdotes de algumas tribos (com eles desapareceram grandes tesouros e povos inteiros, quando eram perseguidos pelos insaciáveis bandidos espanhóis, que depois seriam conhecidos por "colonizadores"), pelo qual ficava descartado seu uso, ainda que deixassem neles marcas inconfundíveis do seu passo e evidências suficientes para, que o

futuro ficasse sabendo da autoria das referidas construções (nas paredes destas cavernas observa-se a ação dos raios desagregantes de matéria, que foram usados para sua construção).
As cavernas do Tibet ainda guardam seu segredo, ninguém conhece sua existência, por isto decidiram deixar nestas últimas, um grupo de estudiosos e observadores do desenvolvimento de nossas civilizações e com ordens de intervir somente no caso de apresentar-se um cataclisma mundial que pudesse pôr em perigo o planeta cuidando para isto; que sua intervenção não fosse observada.
Todavia deviam continuar com as observações astronômicas para prevenir a chegada de futuras invasões, por parte de seus inimigos ou de outras criaturas do espaço, que viessem com fins intervencionistas ou desejos de apoderar-se deste planeta.
- O leitor nunca se perguntou? Porque isto não tem acontecido, sabendo que no espaço infinito há milhões de planetas que, sem lugar à dúvida estão povoados por seres muito avançados no conhecimento e, que poderiam ter feito em tempos remotos quando nossos antepassados não tinham meios de defesa, eram por demasiadamente primitivos?
- Muito simples, porque tínhamos nossos protetores, com suas poderosas armas e ainda, seu extraordinário controle mental.
Deram-se então à tarefa de construir a grande cidade; na realidade foram duas e uma base. A menor que mais se parecia a uma base é a que nos encontramos nesses momentos; a segunda, a que fica submersa frente ao Japão, no mar oriental da China; e a base da Antártida, de onde saem, periodicamente, na atualidade suas aeronaves de observação e que nós chamamos O.V.N.I.
Para a construção de suas cidades começavam a derreter alguns tipos de rochas que quando lhes eram aplicados raios de máquinas desconhecidas para nós, se transformavam numa massa esponjosa. Por exemplo, uma rocha de aproximadamente um metro quadrado, ao sofrer tal processo dava um material esponjoso, leve, altamente resistente, na quantidade de cinqüenta metros quadrados, com o que construíram painéis finamente polidos, recobertos depois com uma

espécie de tinta luminosa que era a que nos estava iluminando naqueles instantes.
Ao observar na transmissão, a composição e formato dado às unidades habitacionais ou dependências para os diversos fins necessários, nas cidades, parecia-nos que eram similares a painéis de abelhas, e os quartos na forma de hexágono, comunicando-se entre si por intrincados corredores formando vários blocos na forma de raios, convergindo para o centro, qual uma roda de carro. Tudo isto construído sobre uma plataforma circular feita do mesmo material que as edificações, com um diâmetro de vinte quilômetros. Era uma obra própria de gigantes. A tarefa demorou muitos anos, aproximadamente cinqüenta; trabalhavam sem descanso, mas com tranqüilidade e sem erros. Todos colaboravam, homens, mulheres, crianças. Cada um tinha especificada uma tarefa e todos estavam alegres e bem dispostos.
Terminadas as cidades procedeu-se a extração das montanhas próximas e também de outras mais distantes, de diversos tipos de materiais, a maior parte mica, que transportavam em grandes plataformas circulares, às quais eram acrescentadas quatro pequenos aparelhos anti-gravitacionais.
Construíram gigantescos fornos de fundição, impossíveis de comparar com algo conhecido, assim como as técnicas empregadas; derreteram todo aquele material que antes mencionara e, que era coado através de uma espécie de grande funil articulado, cujo bico transformava-se num túnel, do qual saía o material fundido, quase transparente, que, já ia tomando aquela forma com diâmetro de cem metros e comprimento de 3km; a secagem e consolidação do mesmo realizava-se de maneira instantânea.
Destes canos, foram construídos dois, além de outro com menor comprimento. Por outro processo colocaram o funil no espaço, mas na forma invertida. Da terra e mediante canos de alimentação era enviado o material derretido. Este material ao sair pela parte mais larga do funil formava uma cúpula que ao tomar contato com a terra adquiria as dimensões exatas para cobrir aquelas cidades. Estas

cúpulas eram transparentes e faziam um só corpo com as cidades que estavam cobrindo. Na parte superior da cúpula foi deixado um orifício do mesmo diâmetro do grande cano. Foi fabricada também uma pequena cúpula para cobrir a plataforma menor, antes mencionada.
Concluídos os trabalhos de construção veio o translado das cidades para a beira do mar. Essa transladação foi possível, graças à colocação de motores anti-gravitacionais, a duzentos metros um do outro. Não produziam ruído, nem fumaça. Não tenho a mínima idéia de seu funcionamento. Mais tarde foi-me dada uma explicação, que procurarei relatar da melhor forma possível.
Assim as grandes cidades protegidas pelas suas correspondentes cúpulas, foram elevadas até 500m de altitude, e, de lá conduzidas muito lentamente, até o mar, situado a 50 km. Foram depositadas à beira das águas, assim como os grandes canos.
Uma vez no lugar, a população foi distribuída entre as duas cidades. Um grupo ficou para ocupar a plataforma menor e, de lá cada qual encaminhou-se para o seu destino, navegando sobre as águas.
Uma destas cidades, era onde nos encontrávamos naquele instante, no lugar que hoje ocupa o "Triângulo das Bermudas", já que não permanecem sempre no mesmo lugar. Transladam-se periodicamente de conformidade com as missões ou tarefas para sua manutenção e sempre a uma profundidade de três mil metros: a outra cidade viajaria até submergir-se também a essa profundidade no mar Oriental da China, onde acha-se atualmente; e, a pequena base transladar-se-ia para a Antártida, onde cumpre também perfeitamente sua missão anteriormente descrita.
No momento de submergir a cidade, foi acoplado o grande cano à parte superior da cúpula e lentamente foi desaparecendo nas profundidades da água.
Continuavam aderidas ao conjunto os motores anti-gravitacionais que eram, evidentemente, a força que permitia afundar aquela enorme bolha, pois não sendo assim, flutuaria.
Para poder afundar, os motores anti-gravitacionais funcionavam ao contrário, e direi, que igual maneira podiam propulsar grandes massas

para o espaço, como podiam manter ancorados os mesmos volumes, tanto em terra como embaixo d'água.
Continuou submergindo até que o cano ficou rente com a superfície d'água. Por esta abertura comunicar-se-iam com o exterior, bem como os habitantes da cidade, situados a 3.000 metros de profundidade, poderiam renovar os seus suprimentos de oxigênio.
Os locais escolhidos pelos **ALMARANS,** eram e são totalmente estratégicos pela sua situação e, totalmente impossíveis de se achar; ele não o permitem, já que têm a possibilidade de deslocar-se para qualquer ponto que quiserem, seja via marítima, submergidos com toda a cidade, ou pelo espaço mediante suas velozes naves interplanetárias, de diversos tamanhos, nunca maiores que o diâmetro do túnel que liga suas cidades com o mundo exterior.
Isto permitia-lhes continuar a sua civilização sem interferir em nada no desenvolvimento da vida terrestre e sem que pudéssemos achá-los, pois, nem ainda com a evolução que acreditamos ter, podemos nos pôr em contato oficialmente, dadas as grandes diferenças atingidas em todos os aspectos, acrescentando-se a isto o fato de que eles são absolutamente pacifistas e, nós incrivelmente belicosos. Somente com determinadas pessoas e na forma que tinham feito conosco e com a finalidade explícita que nos indicaram, podiam permitir-se manifestações de domínio e força.
Levaram muito tempo para aclimatar-se a essa nova vida e, mais ainda aos novos cardápios alimentares, que eram constituídos por aquilo que podiam extrair do mar. Igualmente com a falta de contato com o sol, que fora substituído, no interior de cada metrópole, por uma espécie de esferas que projetavam luz e calor radiante e uniforme. Eram três e situadas convenientemente no espaço superior da cúpula. Além destas esferas, as paredes da referida cúpula, eram transparentes e havia uma luz difusa bem agradável. A temperatura, constante, de 22 ou 23 graus, permitia um clima ideal.
Continuamos vendo a forma de vida atual daquela gente, como distribuíam as tarefas, a alimentação, os remédios; como produziam tudo o que consumiam, e ademais, o relacionado com a vida social e

até a forma de solucionar seus problemas.
Tudo isto achei muito original e avançado, pelo que gostaria de chegar a vocês na melhor forma que possa descrever, para que saibam, como eu cheguei a conhecer estes seres e tirem suas próprias conclusões a respeito e, também, para que avaliem as grandes diferenças de qualidade mental e espiritual que nos separam.
Começarei com os indivíduos em si, na forma física e depois com o domínio e desenvolvimento da mente e por último com a sua espiritualidade e crenças religiosas que mantinham como sua grande verdade.
Fisicamente já os tenho detalhado, são para nós como formosos exemplares, tanto de rostos. como de corpos, sempre elásticos e ágeis: tanto homens como mulheres, parecem estar sempre bem dispostos e úteis, com um sorriso amplo que infunde confiança e amizade. Todos usam o mesmo tipo de roupa, só que com diversidade de cores, em tonalidades suaves. A idade que aparentam ter, está em torno dos 30/40 anos, os restantes parecem ter mais idade, mas sempre mostrando juventude. Não existem anciões, entre eles, mas também percebi não existirem crianças. Tudo o que vos relato, informei-me graças ao tempo que permaneci entre eles, a dizer, que não nos foi dito como aconteceu.
O motivo de que não houvesse anciões devia-se a certos procedimentos especiais, revitalizar e manter seus corpos em perene juventude. Sua longevidade prolonga-se, em alguns casos, até a casa dos dois mil anos. Com referência à falta de crianças, era esse seu grande problema. Devido à diferença de clima e vida a que tinham sido forçados, pouco a pouco foram perdendo a propriedade de reproduzir-se. O problema afetava principalmente aos homens, cujos espermatozóides não tinham a energia necessária para fecundar o óvulo das fêmeas e transformavam-se em estéreis. A coisa começou nos quatro mil anos de permanência sob o mar e tinha-se agravado tanto que fazia mais ou menos duzentos anos que naquela colônia não nascia criança alguma. A população achava-se reduzida à metade desde que ingressaram no fundo do mar, a dizer, que existem

na mesma, aproximadamente umas duzentas mil pessoas, pelo que é uma raça em extinção.
Realizaram todo tipo de provas e ensaios para salvar sua raça, inclusive utilizaram espermas que tinham conservado desde séculos atrás e que pertenciam aos seus antecessores, sendo suas mulheres inseminadas, mas ao nascerem os bebês, aperceberam-se que desgraçadamente nasciam seres com considerável retardo mental, completamente primitivos e inferiores. Ao crescer, tendo eles para nossos olhos um tamanho gigantesco e não os podendo destruir, por respeito a suas convicções, os levaram ao Tibet, onde cumprem tarefas inferiores e colaboram com os seres que se acham naqueles refúgios (são vistos muitas vezes, em várias missões que cumprem próximo aos humanos, como por exemplo, quando recolhem certas ervas medicinais a grandes alturas nas montanhas). Denominam-se "Vetis" ou abomináveis homens das neves. São completamente inofensivos e fogem, por ordens expressas, do contacto com os humanos. Existem muitos deles e, reproduzem-se entre si, pelo que atualmente constituem uma colônia com mais de mil indivíduos. Ante estes fracassos desistiu-se de tais idéias e por certo período de tempo resignaram-se a desaparecer já que nem conosco (terráqueos), nem com nenhuma outra raça podiam conseguir cruzar-se, reproduzir-se. Mas seus extraordinários cientistas acharam a forma de imortalizar-se e essa era a razão de nos encontrarmos ali.
Fazia mais de duzentos anos que um dos seus cientistas teve a feliz idéia (para eles) de pensar que se não conseguiam manter sua matéria podiam quando sentissem que iam deixá-la, fazer com que os seus espíritos com seu corpo causal ou ego, com plena e total consciência do fato, não se projetasse ao lugar que os espera depois da morte física (provavelmente são planos diversos daqueles para onde nós iremos). mas tomasse possessão de outro corpo que conservasse sua juventude e com possibilidades de reproduzir-se. Embora não podendo viver tanto tempo como eles, pelo menos podiam atingir a casa dos mil anos. Com seu avançado nível tecnológico médico, poderiam conseguir o rejuvenescimento celular, e

esses corpos, eram precisamente o que mais abundava e tinham à mão: OS NOSSOS. Seria o que nós conhecemos como a transmigração das almas, perfeitamente possível e que se realiza mais comumente do que a gente supõe ou pode imaginar.
Assim tão simplesmente é que eles conseguirão sua imortalidade de forma permanente pois podem renovar nossos corpos, pelo menos com a técnica atual que possuem e, mantê-los na forma de perfeito uso por um período máximo de mil anos; mas ao rejeitar este corpo terrestre repetiriam a operação e assim até o infinito, imortalizando-se para sempre. Ademais que o projeto é muito amplo, não só imortalizam-se senão também, como podem reproduzir-se, embora em corpos inferiores, podem entregar-se no nosso mundo externo e com suas super-mentes começar a ocupar diversos cargos em todas as atividades humanas e assim podem pensar que devido à sua evolução, rapidamente sobressair-se-ão em capacidade e inteligência. Também preparam seus filhos, aos que conservarão, pelo menos uns mil anos em suas matérias e pouco a pouco ocuparão os postos chave no planeta, e terão centralizados todos os poderes e nos governarão.
Como poderemos identificá-los se terão os mesmos corpos que nós? Se eles são muito inteligentes e evoluídos?
Agora apresentava-se-lhes o problema do que fazer com nossas pobres almas que de acordo com seus conceitos não podiam, ocupar nossos corpos e deixar nossa entidade que o ocupava sem cumprir um plano de evolução cósmica, pelo que, dentro dos seus projetos espirituais, tinham decidido deixar-nos viver mais ou menos, o período de tempo para o qual estávamos programados, isto é, eles calculavam que o ser humano tem uma existência de mais ou menos oitenta anos. Por exemplo, capturando um indivíduo de quarenta anos, permitia-se-lhe viver ainda mais outros quarenta, integrado na sua sociedade e com pleno conhecimento do que lhe aconteceria ao chegar aos oitenta, para o qual devia prestar-se obedientemente, além do que, era preparado desde aquele momento para conhecer o plano em que entraria, dando-lhe conhecimentos metafísicos e tornando-lhe

conhecida sua futura vida por meio de viagens astrais.
Todo aquele que tenha conseguido viver esta experiência e conhecido o belo mundo que nos espera depois da barreira do além, não poderá, é evidente, pôr nenhuma objeção para deixar seu corpo e muito menos depois de ter vivido os anos que mais ou menos todos sabemos que vamos durar sobre a terra.
É claro que mesmo que não nos agradasse não teríamos outro remédio que aceitar pelo que começavam de imediato o tratamento de, manutenção da juventude do nosso corpo, porque até cumprirmos com o período destacado de vida íamos nos manter sem envelhecer. Isto resultava muito agradável por certo: saber que nos salvávamos do desagradável processo do envelhecimento.
Esta foi a razão de que tivessem retirado do nosso grupo aquele casal de anciões e também a velha freira.
Depois soube que os tratavam muito bem e assim continuariam até que desencarnassem por meios naturais e vontade de Deus. Eles viveriam como num sonho tudo isto tão inesperado. Até Ihes seria permitido ver por meio de televisores tridimensionais. seus familiares e seres queridos na superfície, e por este meio parecia que estavam presentes. Com estes aparelhos podiam ver tudo o que transcorria na superfície com imagens irradiadas por seus próprios satélites. tal como fazemos com nossas imagens televisivas quando é transmitido algum evento a todo o mundo por meio destes artefatos. Também os deixavam continuar com seus costumes habituais.
Este era em síntese seu tremendo plano, cálculo que data já duzentos anos e nós sem sabê-lo, seremos governados por seres que não pertencem à nossa raça.
Esta é a causa principal da minha narração se quiserem uma espécie de denúncia ao mundo do que se propõe. Não sei se alguém tomará isto em consideração também não sei se poderiam fazer alguma coisa somente sei que tenho cumprido com minha consciência e dever de humano para com minha raça para isto consegui fugir e poder fazer chegar a vocês minha versão real dos fatos que tive que viver.
Decidiram-se levar à frente este plano que puseram de imediato em

prática, já que há duzentos anos produzem-se as desaparições no Triângulo das Bermudas. Como dizem as crônicas, navios com todos os seus tripulantes e às vezes somente as tripulações e ultimamente, isto é, desde o início deste século e desde que usa-se o tráfego aéreo o desaparecimento de tantos aviões, dos quais não fica o mínimo rasto. Um fato similar ocorre na outra cidade submersa no mar da China e dentro dos limites da China, Japão e Coréia. onde também têm ocorrido múltiplos desaparecimentos.

Desde o início do século já conseguiram infiltrar-se nas nossas entidades terrestres ocupadas com suas mentes e espíritos. Fazem isto com indivíduos seqüestrados dos navios em meados do século passado; estes logo destacam-se por sua capacidade e ocupam postos de relevância aparentam uma progressiva velhice e logo desaparecem para recomeçar noutro lugar outras tarefas que lhe encomendam. Estão em todas as partes. Calculo que nestes momentos terão na superfície do planeta mais de dois mil, mais ainda são muito poucos. Periodicamente vêm infiltrar-se novos seres, embora estejam esperando novas remessas deles para o fim deste século, quando aproveitarão o caos em que viveremos e trarão reformas religiosas que deverão obter grande aceitação, por serem claras e definidas e por carecermos de uma fé religiosa firme. São sempre os mesmos ensinamentos dos nossos antepassados, que os receberam de grandes superdotados. Acontece que nós mesmos estamos desvirtuando e acomodando-os para nosso benefício, perdendo assim toda sua essência.

Também utilizam outros meios para levar gente para sua cidade e usá-Ia para seus fins. Um deles é o seqüestro direto com naves que vemos sempre sulcando o espaço. Nem todas, mas muitas delas Ihes pertencem e, outro, são os supostos profetas ou santos que pregam à gente falando de um mundo melhor fora de nossa terra e que convidam para uma viagem espacial e conhecer seu mundo. Sei que muita gente tem aceito estes convites e, naturalmente tem feito a viagem, mas podem estar certos que esta foi sem retorno, a não ser que pudesse acontecer-Ihes algum fato igual ao meu.

Quando todos eles estiverem já providos de seus respectivos corpos humanos, estarão em condições de ocupar todos os mais altos postos do mundo. Em tais posições, serão os donos do planeta por tempo indefinido, paulatinamente podendo reproduzir-se, irão formando toda uma humanidade completamente diferente e, de seu ponto de vista, muito melhor que a atual. Não obstante, poderei estar errado, talvez sob seu comando vivêssemos muito melhor, mas devo ser um terrestre fanático de minha condição como tal, o certo é que fui para eles o acidente imprevisto, que sempre Deus coloca para todo sonho dos homens, sejam da raça que sejam, a fim de que sejam cumpridos seus desígnios, que são indubitavelmente, os mais justos e os que mais nos convêm para a evolução. Não querendo trocar, sei que vivemos em constante erro e dominados pelo egoísmo e baixas paixões, mas com o tempo conseguiremos vencer todas estas debilidades e também estaremos em condições de atingir um mundo melhor, cheio de paz, progresso e felicidade; somente falta que proponhamos consegui-lo e tenhamos vencido a ignorância.

Quando o indivíduo já tiver cumprido com o ciclo de vida estipulado por eles e, previamente aceitá-lo, fazem com que ele se apronte, como se fosse para uma viagem, despedindo-se de todas as amizades e pessoas a que tenha algum carinho e enviam-no para um relaxamento profundo que o faz sentir-se muito feliz, até que seu espírito se desprenda sutil e suavemente, entrando nas regiões do plano que lhe couber de acordo com sua evolução espiritual.

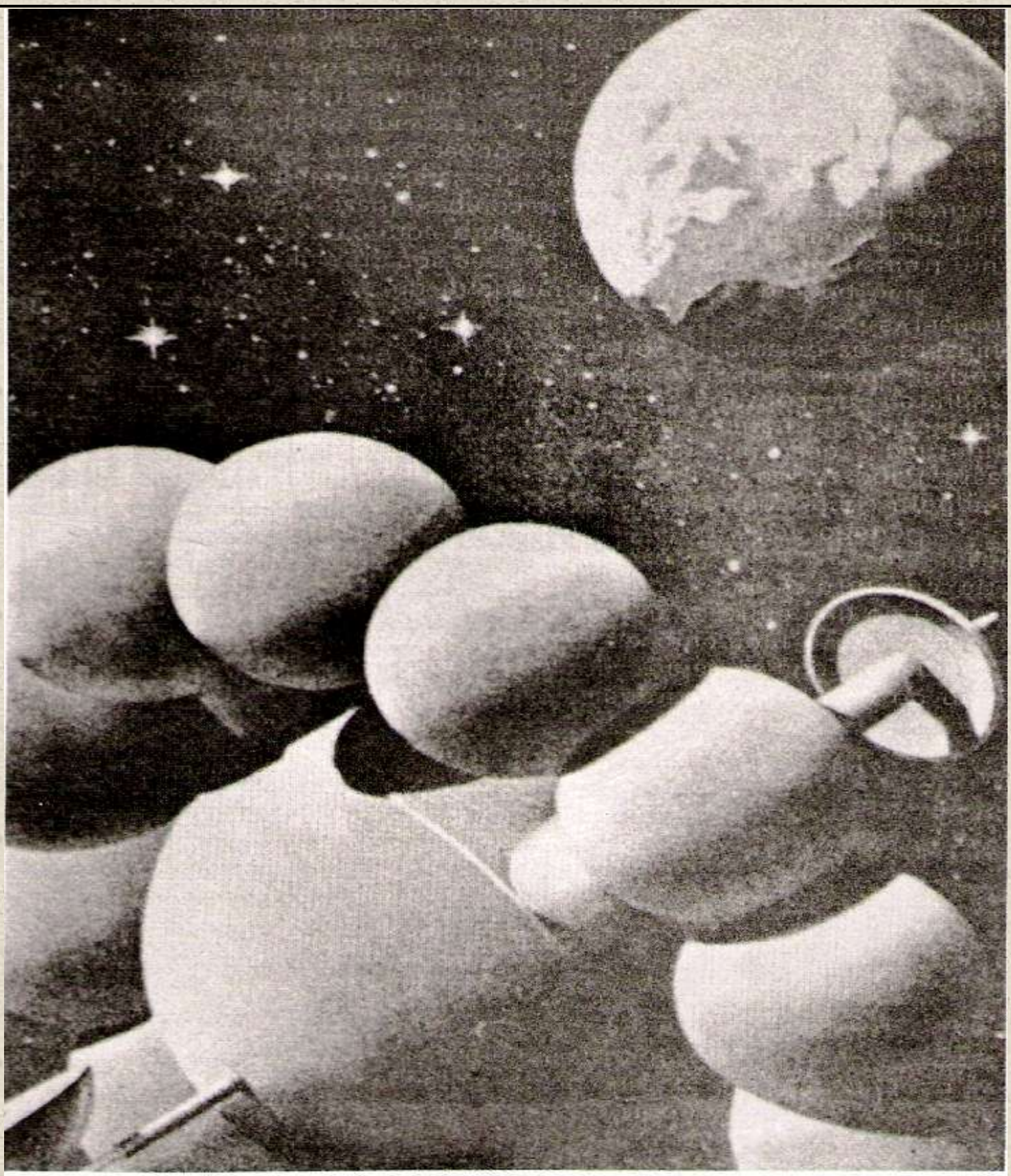
Ignoro que explicações poderá dar os mestres-guias que o esperam do outro lado, porque tem que realizar o que vem chamar-se o "Samadhi" que só está reservado aos mestres com matéria e que eles consideram o momento de deixar para cumprir outras missões; mas não creio que entre os desencarnacionistas nesta forma tão compulsória, encontre-se nem sequer, um dos mestres capacitados para realizar este fato.

Deitado ao lado de quem deixa seu corpo com aparência jovem, embora conte com oitenta anos ou mais, acha-se o Almaran que passará a apossar-se do mesmo, mas que por sua vez deixará sua

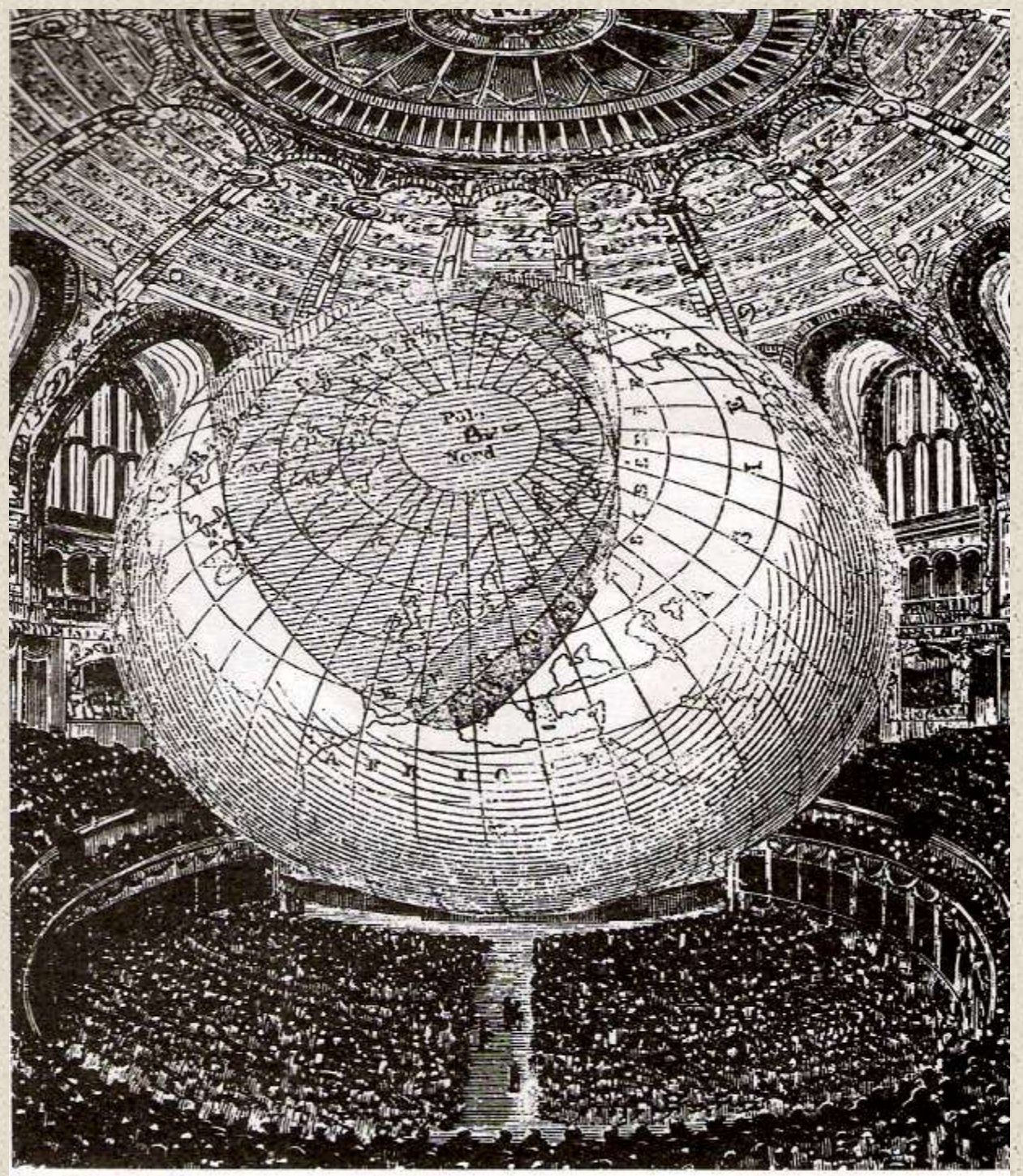
matéria que não é destruída, mas que passa a ser conservada no interior de uma caixa hermética, da qual, talvez algum dia volte a sair se eles conseguirem descobrir a forma de manter indefinidamente jovens seus corpos que só o têm conseguido parcialmente. Se tiverem êxito, revitalizarão os mesmos e voltarão a ocupá-los; daí a obrigatoriedade de conservá-los.

Não podem servir-se de imediato do novo corpo, devem sofrer um treinamento para caminhar, e esse adestramento tem a duração de um ano, quando então podem cumprir com ele todas as tarefas a que estiver habituado e poder usá-lo como se fosse seu corpo anterior.

Pude conhecer vários deles que estavam treinando para seu retorno à superfície e misturavam-se conosco a fim de aprender todos os nossos hábitos e modos. Também tratavam de aprender a falar pois não poderiam aflorar à superfície e comunicar-se telepaticamente como estão habituados a fazer. Esta é uma das coisas que mais nos custa, pois em seu período de existência, de quase dois mil anos, jamais se comunicaram como nós o fazemos. Este período de aprendizado leva para eles um período de quase vinte anos, pois não querem cometer erros, nem ser descobertos em hipótese alguma.



Comumente, podia-se ver gigantescas naves espaciais cortando o espaço a uma velocidade espantosa.



É minha denúncia ao mundo

CAPÍTULO IV
Diana

O primeiro problema a resolver, quando decidiram viver sob as águas

do oceano foi o da alimentação. Solucionaram-no cultivando no mar; sim, cultivando-o com diversas plantas aquáticas e algas. Grandes extensões do mar foram cobertas por estas plantas. Esta zona é conhecida desde a antiguidade e evitada pelos navios, já que em várias oportunidades tinham ficado detidos entre essa vegetação, ocasionando grandes aborrecimentos aos seus passageiros. Também disto há grande quantidade de testemunhos e as zonas cobertas por estes herbáceos existem na atualidade e qualquer um pode ir vê-las. Estes vegetais aquáticos constituem sua alimentação, são preparados de múltiplas maneiras, que proporcionam diversos sabores. São aproveitados ao máximo, até o ponto de que deles se extraem fibras que utilizam para elaborar os tecidos dos seus vestuários, evidentemente combinando-os com outras substâncias. Quando necessitam minerais, extraem diretamente de minas submersas lavradas com seus próprios meios. Utilizam eletricidade e magnetismo de forma diversa à que estamos habituados a fazer; só tenho visto aplicarem esta energia em aparelhos que produzem raios para purificação e revitalização, ou, para produzir raios através de uma espécie de vidros e com diversas finalidades. Igualmente podiam usá-la como armas muito mortais, porém eles não as criavam com essa finalidade. Não conheço eletrônica, portanto não era muito o que podia deduzir, mas soube que a energia magnética era utilizada para aparelhos que controlavam e dominavam a gravidade e, seus navios tinham como combustíveis o mercúrio que se projetava numa decomposição nuclear para ser utilizado nos motores das aeronaves nas viagens a outras galáxias. Tinham conseguido decompor e utilizar a energia em expansão das mesmas moléculas que integram o átomo decomposto. (Na atualidade realizam-se estudos e pesquisas a este respeito; utilizando para isto os mais avançados microscópios eletrônicos, de que dispõe nossa ciência), Isto é, produzem uma reação atômica controlada, de átomos desagregados, os quais voltam a dividir-se, produzindo uma explosão multinuclear num dos átomos infinitesimais. Têm um poder tão grande que se não for controlado, poderia desintegrar o planeta em segundos e talvez também o

sistema solar. A energia controlada é o que Ihes serve de propulsão nos seus aparelhos, nas viagens siderais, produzindo uma velocidade que nem podemos remotamente compreender.
Seu meio de transporte na cidade é através de fitas transportadoras, em confortáveis poltronas, tansladam qualquer um, para onde quiser. Não têm os nossos clássicos problemas de locomoção, não existem veículos particulares, senão os que pertencem à toda comunidade. como não queimam combustível para os motores propulsionadores, não existe problema de poluição ambienta!. Os dejetos, tanto os provenientes das pessoas, como os sobrantes de qualquer índole são dissolvidos por diversos processos e transformados em matérias químicas.
Suas naves não necessitam pistas, já que a decolagem é na vertical direta. Além disso não creio que as necessitam, pela forma circular que possui a maioria delas. São os clássicos discos voadores de que temos tantos testemunhos e que têm esse nome pelo seu formato como um disco. Estes têm, mais ou menos, vinte metros de diâmetro e o pouso na terra faz-se mediante uma espécie de pés articulados bem no centro do disco. Ao redor desses pés e, também em forma circular, saem do aparelho uma série de caminhos por onde são expulsos gases de diversas cores, os quais vão mudando de tonalidade à medida que a nave vai se afastando no infinito. Somente pude observá-las de longe, mas os livros especializados dão amplos detalhes e são muitos os governos que sabem da existência e formato dos mesmos, mas insistem em negá-lo. Por isto eu pergunto:
- Se tudo isto é mentira, para que gastar grandes somas de dinheiro em equipes de pesquisa e comissões de informação? Eu acho que não há forma de pesquisar alguma coisa que não existe.
Quase a metade da cidade acha-se despovoada pelos motivos antes assinalados (sua decadência na procriação), e, têm determinado um setor exclusivamente para alojar as pessoas da superfície da terra que seqüestraram, reservando-se para eles os lugares estratégicos da cidade para poder manter constante vigilância nos mesmos. De forma que eles ocupam lugares tais como os que compreendem a base de

lançamento de suas naves, as equipes de controle, as plantas de produção de alimentos, de água, de energia, de manutenção da cidade, de saneamento e de todas as atividades que compõem o provisionamento, defesa e manutenção de suas vidas. Construíram suas moradias de forma tal que pudessem cercar todas estas zonas vitais, para evitar o perigo de intromissão de estranhos.

Vivem acasalados, numa aparência muito harmoniosa; trabalham em equipes, quatro horas por dia. Depois retiram-se para suas salas de estudo e aprendizado. Eles estão constantemente estudando e aprendendo diversas ciências no transcorrer de suas vidas. Alguns temas são desconhecidos para nós, tais como a pesquisa de outras dimensões. Ao que parece mantêm contato por rádio e televisão com seres de outros planetas e também com as suas colônias de gente de sua mesma raça, espalhadas por todo o mundo sideral. Pude ver, em diversas oportunidades, painéis de transmissão visual onde se projetam entes completamente diferentes de nós na sua conformação, e comunicavam-se com os Almarans por meio de sons leves, completamente incompreensíveis para mim. Parecia que falavam muito rapidamente para nossa compreensão.

Trato de lembrar tudo o que me permitiram e pude ver, com a finalidade de que possamos tirar algum proveito dos conhecimentos desta velha raça tão adiantada à nossa civilização. Talvez alguma pessoa lendo este livro, tenha idéias que possa levá-las à prática para nosso benefício.

Não têm como os terrestres suas salas de espetáculo, só existe um salão, muito amplo, onde diversos Superiores encarregados das respectivas tarefas, reuniam-se diariamente ante o Conselho Supremo, integrado pelos mais sábios e de maior idade, com finalidade de informar sobre as realizações.

Lá eram analisados os problemas que houvessem e eram dadas ordens para cada caso específico. Essas reuniões prolongavam-se durante muitas horas, mas nunca nos deixaram entrar nas mesmas. Somente podíamos entrar no Salão, uma vez por semana, era o dia do concerto, onde se apresentavam uns músicos, não praticavam

nenhuma arte cênica, somente tocavam uma série de instrumentos musicais. Deles só me lembro de uma espécie de piano gigantesco que era executado ao mesmo tempo por cinco músicos, mas em vez do clássico teclado tinha um conjunto de botões de diversas cores; na parte superior de referido piano, canos infinitos, muito finos, cheios de líquidos coloridos. A música executada era clássica, muito bela e doce; ao executá-la não podia deixar de entoá-la, fechar os olhos e tratar de saboreá-la. Nos sentíamos como transportados, flutuando para lugares desconhecidos e agradáveis. Essa sensação permanecia durante todo o tempo em que era executada a música. Não desejávamos que terminasse, já que nos produzia um verdadeiro encantamento e ficávamos depois muito felizes, esquecidos de todos os problemas, por um bom tempo. Era esta uma das coisas mais agradáveis que podíamos desfrutar e desejávamos sempre que chegasse o dia previsto para tais espetáculos. Depois tínhamos à nossa disposição os aparelhos televisivos, havia um em cada quarto que nos tinham destacado, mas a imagem não era projetada de uma emissora, mas à vontade, introduzindo uma espécie de minicassette, dentre uma coleção existente. Havia cassettes sobre os temas da ciência, sua história; outros referiam-se à evolução do nosso planeta e outro sobre temas tão, incríveis e insuspeitos, que os relatando ninguém poderia acreditar. É bastante difícil que acreditem nos acontecimentos que vivi e que aqui relato, menos ainda poderiam aceitar coisas que somente pude ver no écran, já que eu mesmo tenho minhas dúvidas a respeito delas. Por isto, abstenho-me de referi-las, só direi que o espaço infinito está densamente povoado, nada do criado está ao azar, tudo está cumprindo uma função e um ciclo de desenvolvimento e superação, isto é, tudo evoluciona, nada perde-se, tudo se transforma e utiliza-se novamente.

Como lhes disse, faz duzentos anos que entre eles não há crianças, mas quando havia, apenas nasciam, a comunidade tomava-as a seu encargo. Seus pais ocupavam-se de suas tarefas habituais e podiam estar com elas quando quisessem, mas em todos os aspectos eram criadas por especialistas, que as tinham a seu cargo para seu

desenvolvimento e educação. Adquiriam a aparência física de um adulto mais ou menos aos cinqüenta anos dos nossos, mas mentalmente, desde pequenas eram muito desenvolvidas. Nessa aparência física permaneciam por mais de mil anos e logo, através dos séculos acentuava-se-Ihes a maturidade, adquirindo um aspecto de pessoas adultas, mas nunca o de ancião como nós nos convertemos. Até sua desencarnação seus corpos mostram-se fortes e jovens. Devido a esta propriedade, os corpos são conservados, tendo um edifício para tal finalidade.

Seus estudos são permanentes e jamais se aborrecem nas suas tarefas. Freqüentemente fazem viagens pelo exterior da terra, de longa duração, uns cinqüentas anos terrestres, para realizarem suas explorações no espaço. Sem dúvida têm contato com muitas civilizações de outras galáxias e sistemas solares. Eu sempre me perguntava:

- Se eles se apresentavam como habitantes do planeta Terra, ante os outros mundos, em que posição ficaremos nós se algum dia também chegarmos a realizar essas mesmas viagens?

Bom, se seus planos se cumprirem, serão eles os que continuarão viajando com nossas aparências físicas.

O desenvolvimento mental e seus profundos conhecimentos de todas as ciências, de outros planetas, de outros mundos, conferiu-Ihes um grande domínio sobre si mesmos e até nas suas relações sexuais mantinham seu autodomínio, pois realizavam tais atos só para cumprir com uma necessidade fisiológica. O normal entre eles é só se relacionarem uma vez por mês, mas não perdiam suas faculdades e podiam continuar desta forma até o fim de seus dias.

Quanto a nós, logo que o Superior cumpriu com o prometido de nos mostrar o que nos acontecera, a história de sua raça e seus planos para conosco, fomos transladados muito gentilmente para um passeio pela cidade, sentados nas poltronas das fitas transportadoras, íamos de surpresa em surpresa, tudo nos maravilhava.

No fim, levaram-nos ante um conglomerado de edifícios e nos comunicaram que dali em diante e até o fim de nossas existências, lá

seriam nossas moradias. Tudo era muito amplo, como se fora construído para gente de seu tamanho; muito limpo e com as características que antes apontei quanto à mobília e compartimentos.
Aos homens que tinham viajado sozinhos, destacaram um quarto para cada dois, das mesmas características hexagonais. Tinham por cama uma espécie de colchões de plásticos inflados, muito grossos e sobre os quais se descansava muito bem. Sem fronhas, nem outros objetos, coisa que não era necessária porque a temperatura ambiente não permitia que pudéssemos adoecer ou pegar algum resfriado. Também havia uma série de bancos, uma espécie de mesa circular no centro e um móvel com aparência de privativo, onde já tinham colocado vestuários de reserva e um televisor tridimensional com as características anteriormente mencionadas. O lavatório, ou melhor, os lavatórios, achavam-se fora dos quartos e todos dispostos em um setor; embora pequenos tinham todos os elementos necessários para a higiene. Depois do chuveiro, e pelo mesmo aparelho propulsor de água saía um ar seco que me deixava totalmente enxuto e pronto para novamente vestir-me completamente reconfortado; isto devia-se a que ao sair a água de forma tão forte, proporcionava-nos uma espécie de massagem em todo corpo, ativando assim nossa circulação.
Também o televisor tinha um dispositivo que nos foi ensinado manejar, caso quiséssemos nos comunicar com nossos guardiões, em caso de necessidade ou quando tinham que nos dar alguma ordem, a ser por nós executada.
Podíamos ficar descansando ou olhando pelo aparelho televisivo, ou sair pela cidade dentro do setor determinado até o momento em que estivéssemos aclimatados e em condições de realizar alguma tarefa, de acordo com nossos gostos ou habilidades, exercida por nós na terra e que pudesse ser de alguma utilidade para eles; embora as tarefas que eles realizam sejam completamente diversas às executadas por nós. Por exemplo, no meu caso, meus conhecimentos médicos Ihes eram muito inferiores e de impossível aplicação entre eles e ainda entre os de minha raça, pois seus métodos eram altamente positivos e eficazes e de ação imediata.

Tenho-me proposto a escrever sobre seus remédios e tratamentos, reservando para tal, um capítulo desta narração, porque são possíveis de aplicar entre nós, por seus esquemas simples e por seus resultados espetaculares que não necessitam de nenhuma farmacopéia.

O quarto, eu compartilhei-o, graças a Deus, com meu amigo Alexandro; dada a mútua confiança, ao menos com ele ia ficar muito bem. Pude por fim, ver pessoas que se achavam ali desde diversas épocas, mas aparentemente ninguém tinha mais de quarenta anos, no máximo quarenta e cinco. Todos tinham sido preparados para não envelhecerem. Também havia crianças; toda uma colônia. Além disso, achavam-se junto, em período de adaptação e aprendizado dos nossos costumes, a fim de levar a cabo os planos que deveriam cumprir na superfície da Terra, os Almarans que tinham se apoderado dos corpos dos humanos que haviam sido desencarnados. Estavam sempre com grupos humanos e não deixavam de observar tudo o que realizávamos ou falávamos. Também se exercitavam na linguagem falada, é claro que por sua superioridade, isto Ihes resultava fácil. Quanto a nós, nos custava distinguir quem eram os que ainda tinham alma terrestre e quem já estava ocupado pelos Almarans.

Quando estivemos frente a eles pela primeira vez ficávamos chateados pois não compreendíamos a situação: se pensávamos que esse corpo tinha pertencido a um ser já desaparecido, mas que continuava vivendo com outra entidade, ainda que não tivéssemos conhecido o primitivo dono daquele corpo, fazia-nos sentir muito raros e, inclusive impressionados ante aquele morto-vivo e muito vivo em todas suas funções. Com o tempo e dado o trato contínuo com eles, aquela impressão de repulsa foi-se e preferíamos olhá-Ios como entidades vivas, sem pensar que eles não eram os autênticos donos daqueles corpos. Muito mais preferimos integrar-nos na sociedade formada por terrestres e não terrestres, ao menos suas almas não eram, e a melhor coisa era não tentar indagar quem era e quem não era, para podermos ter um pouco de vida normal.

A colônia de seres humanos estava integrada na maioria, por homens,

pelo menos o triplo da quantidade de mulheres. Este fato devia-se a que muitos dos seqüestros tinham-se efetuado em naves, aéreas ou marítimas das forças dos militares, onde somente viajavam homens.
No momento em que escrevo estes relatos (outubro de 1976), a imprensa traz uma nova notícia de desaparecimentos, no referido e fatídico triângulo, de um navio de origem panamenha, que transportava minerais e 38 pessoas a bordo. Não há rastros. Por isto tenho pressa de que esta verdade chegue ao conhecimento de todos e com mais razão àqueles que possam fazer alguma coisa a respeito.
Não creio que os que ali estão, são felizes. São tão felizes, como pode sê-lo um passarinho dentro de uma gaiola d'ouro. Sentem-se como eu me sentia, prisioneiros e por toda a vida! Jamais voltarão a ver o sol. Embora os da superfície queiram fazer alguma coisa, poderão? Pessoalmente creio que já nada poderão fazer por eles, porque a tecnologia dos Almarans é tão superior que se forem atacados seria como presenciar a briga de uma criança com um lutador experimentado. Mas acredito que poderíamos ao menos, prevenir sua infiltração, procurando algum meio para impedi-los. Talvez muitos deles estejam regendo já algum governo, nesse caso são poucas as esperanças que nos restam. Oxalá! vocês pensem que seria melhor que eles dirijam nossos destinos. Eu não acredito! Esta é uma luta.
Não é que veja neles maldade, são melhores que nós em muitos aspectos, mas isso deve-se a que têm evoluído e são muito mais velhos em existência que nós. Que nos deixem evoluir através dos nossos erros, do contrário nunca aprenderemos. A lei da evolução só se produz através das próprias experiências e estas completam-se com os erros que provêm das nossas deficiências. Quem não erra, não aprende. Esse é o meu ponto de vista, no meu raciocínio é o melhor para a nossa raça. Entretanto, o ponto de vista deles é totalmente diverso. Estão em perigo de sucumbir como entidades e como raça, talvez, nós em seu lugar, fizéssemos o mesmo. Mas alguma coisa no meu interior revolta-se.
Permitia-se a formação de novos casais entre nós, e também a procriação. Aqueles que já estavam constituídos, alojavam-se e

podiam viver unidos. Como disse anteriormente, o número de mulheres era inferior, portanto os núcleos de famílias eram mínimos. Mas no transcurso do tempo, foram-se formando novos casais. Um deles, o realizou meu amigo Alexandro, que desde o começo tinha simpatizado muito com uma aeromoça. Isto o afastou um pouco de mim, já que passava a maior parte das horas com ela. Oxalá tenha concretizado os seus amores e dentro do seu involuntário confinamento, tenha ao menos achado o seu verdadeiro amor!

Da minha parte não podia resignar-me. Contávamos com relativa liberdade, mas me comportava de maneira que nossos seqüestradores pensavam que me interessava por tudo que a eles se relacionava e a respeito de sua superioridade científica e, por todos os lados perguntava, indagava. A tudo obedecia com a finalidade de ver se apresentava alguma oportunidade de fugir. Ninguém tinha conseguido. Numa ocasião houve um início de subversão por parte de um grupo de soldados americanos que tinham sido seqüestrados já fazia bastante tempo. Chegava a uma centena os homens sublevados; organizaram uma espécie de comando e tencionavam tomar a seção de controles. Mas foram totalmente dominados pelos Almarans, internados e submetidos a uma cura de sono da qual saíram totalmente dóceis e com suas vontades destruídas para sempre. De tudo isto informei-me em relatos das testemunhas e porque, além disso, os participantes ainda se encontravam ali.

Isto fez com que todo aquele que pensasse em coisa semelhante, perdesse a vontade e decidisse esquecer tais eventualidades. Não obstante, isto não me desmoralizava e cada vez mais arraigava-se em mim a segurança de que de alguma forma conseguiria fugir.

Não me mostrava rebelde e aceitava tudo que era disposto por eles, não desejava que por nada suspeitassem das minhas intenções e não fiz partícipe delas absolutamente a ninguém, nem Alexandro as suspeitava.

A oportunidade apresentar-se-ia da forma mais inesperada. Havia transcorrido uns três meses de minha dourada prisão, quando conheci Diana, uma morena muito simpática, que era oriunda dum país do

Caribe. Tinha uma alegria contagiosa, uma conversação bonita e agradável e à sua simpatia podemos acrescentar uma perfeita figura. Todas as oportunidades que se apresentavam, eu tratava de fomentar minha amizade com ela. Não era indiferente aos meus galanteios e a partir de então, minha vida começou a ser mais suportável. Combinávamos em muitas coisas, principalmente nos temas culturais. Ela fazia-me falar muito. Interessava-se profundamente por tudo o que eu lhe relatava sobre a minha vida anterior, transcorrida na superfície. Em troca, quando lhe perguntava sobre o seu passado, por exemplo, quanto tempo fazia que se achava ali, evitava a resposta e desviava de imediato, a conversa para outros temas e, sempre com tanta graça que ficava impossibilitado de continuar as minhas indagações. Em troca, contava-me com todo luxo de detalhes, todo o concernente aos Almarans. Falava-me que sabia muito sobre eles porque havia-os estudado exaustivamente. Era doutora em Psicologia e isso abria-lhe uma mais ampla margem de capacidade para compreendê-los, ainda que reconhecesse que não podia fazê-lo totalmente pela superioridade mental deles.

Minhas práticas com Diana eram feitas diariamente, a simpatia do primeiro momento foi-se transformando em amor e, ao dar-me conta disto fiz-lhe saber os meus sentimentos. Escutou-me, abaixou a cabeça e ficou meditando. Depois de um tempo, e acariciando-me com suas lindas mãozinhas, disse-me que ela também sentia o mesmo para comigo e muito profundo, mas que deveríamos aguardar. Ela pediu para não divulgar a ninguém nossa identificação espiritual. Não soube a razão, aceitei, porque o que mais me interessava era saber que ela estava correspondendo ao meu amor.

Já não estava sozinho, o desejo de fuga era menos veemente, mas nem por isto tinha desaparecido, ao contrário, agora pensava que teria que tentá-la, mas já não sozinho, levaria Diana. Isto apresentava-se bastante difícil. Outros não tinham tido sucesso e era um grupo de homens habituados à ação. Que poderia eu fazer? Pela força sabia que era impossível, só me restava pôr em prática a astúcia.

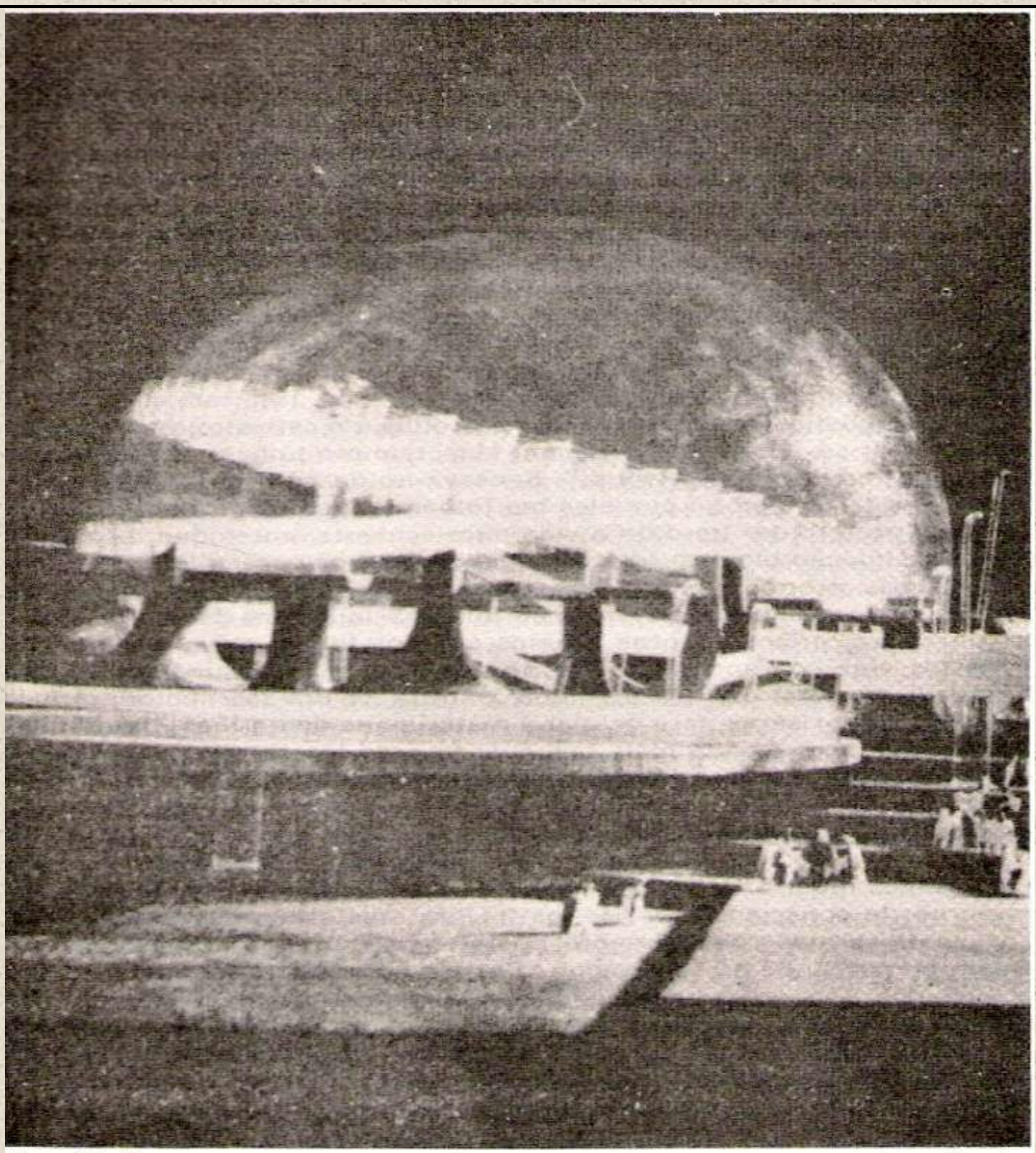
O tempo continuou transcorrendo e Diana não permitia que nossas

relações fossem conhecidas pelos outros companheiros de infortúnio. Ela tinha-me feito prometer que nem Alexandro deveria sabê-lo.
Estranhava muito por isto, mas agradava-a e para não desgostá-la e, para manter seu amor que tanto me fazia falta, consenti.
A união entre os seqüestrados não era objetada em absoluto pelos Almarans, pelo contrário, permitiam que esta fosse efetuada e quantos mais filhos tivessem melhor, assim aumentava seu plantel de futuros "trajes" para sua eternidade.
Bastava que o casal decidisse unir-se, eles proviam todas as comodidades necessárias e sem cerimônia alguma podiam fazê-lo. Mas se alguém queria dar um formalismo terráqueo, de acordo com a religião que houvesse seguido, também permitia-se-lhe que efetuasse a cerimônia.
Nunca interviriam em nossas crenças, por isto não se opunham quando nos reuníamos para rezar, e o fazíamos com freqüência embora entre nós não houvesse nem pastor, nem padre ou algo parecido. Aqueles que maior conhecimento tinham de suas crenças eram encarregados de dirigir suas cerimônias. Eu concorria a todas. Era uma forma de passar o tempo, embora não professe nenhuma, a todas respeito pois acho que são diversos ramos de uma mesma árvore que nos leva para um mesmo Deus.
As angústias que no começo me produziu o cativeiro, passaram a transformar-se em rancor para com eles, que me tinham abruptamente tirado do meu "modus vivendi". Pensava no desequilíbrio que passaram meus familiares, já que eles me tinham dado por desaparecido, e, também preferia ter perdido a vida num acidente, antes que ter de viver esta situação tão absurda pela qual estávamos passando.
Queria propor a Diana que nos uníssemos para tratar de levar nossas vidas mais normais, mais ao imaginar que sem dúvida, de nossa união nasceriam crianças, nossos amados filhos, desistia. Para os Almarans eles só representariam novos "trajes". Essa idéia não me agradava nada, já que trazer filhos à "terra" é um sacrilégio: porque faremos descer seres para ocupar a matéria que damo-lhes, tirando-os de

lugares, sem dúvida mais belos. O fato de trazer seres ao mundo onde nos achávamos, era terrível. O fato de pensar que nasceriam escravos fazia-me refletir. Como poderíamos justificar-nos ante eles pelo destino que Ihes dávamos?

Talvez mostrar tanto amor por nossos filhos não é mais que um remorso de consciência por tê-Ios trazido a este mundo de dor, mas apesar de termos conhecimento do relatado continuamos fazendo-o. Quem compreende o ser humano? Por algo é que os grandes mestres e iniciados não deixam descendência. Eles explicam que quando se acham na última reencarnação não necessitam deixar descendentes que supriam-Ihes no futuro de novos corpos, segundo as tradições reencarnacionistas. Dizem que sempre reencarnam-se na mesma linha de família, isto é, que eu poderia ser meu próprio bisneto ou já fui meu bisavô.

Pelo que, conforme tinha-me prometido e para agradar Diana deixaria que o tempo transcorresse com a finalidade de ver qual seria a determinação melhor.



As cidades eram construídas de arquitetura jamais conhecida. Havia cúpulas enormes e com total transparência. Era considerada meta prioritária a construção de grandes cidades.

CAPÍTULO V
Exercícios esotéricos

Dados meus conhecimentos médicos interessava-me bastante conhecer de perto a medicina dos Almarans, coisa que fiz saber aos meus algozes. Foi transmitida minha inquietude aos seus superiores e foi-me outorgada uma permissão permanente para assistir ao que poderíamos chamar centro médico; para mim era na verdade um centro curativo, pois não sendo por mutilações gravíssimas, por doença ninguém falecia ali. Se eles desencarnavam era pelas causas já apontadas e de cujo processo falarei mais amplamente no próximo capítulo. Este quero dedicá-lo exclusivamente aos extraordinários conhecimentos e por sua vez fabulosos resultados.

Tudo o que se simplifica, resulta mais positivo e assim o estavam demonstrando estes seres. O local estava ocupado por salas de diversos tamanhos, de acordo com o que nelas aplicava-se; nas mesmas somente haviam macas. Em parte alguma se observa instrumental médico, nem painéis com remédios, só vi os aparelhos que nos tinham aplicado quando fomos seqüestrados, aqueles que destruíram toda a contaminação bacteriológica que pudéssemos transportar, e, que nos reabilitaram de toda afecção que portássemos conosco. No meu caso, sabendo-me estar completamente em perfeita saúde, só tinha alguns mal-estares hepáticos que nunca mais tinham-se repetido, além do mais, com a alimentação que ali nos era servida, era impossível ter uma má digestão.

Uma das salas era muito ampla, tinha todas as macas no chão e nela era feita uma terapia de grupo para tratar os transtornos nervosos. (Detalho bem tudo que observei porque pela sua simples aplicação podemos realizá-lo aqui na superfície e com os mesmos resultados positivos). Eu me submeti ao tratamento e tenho feito a mesma experiência depois de minha fuga, obtendo os mesmos resultados, por

isto digo que, em qualquer clínica, pode utilizar-se, e além do mais de forma individual. Deita-se o indivíduo na maca com o vestuário o mais frouxo possível, com o rosto para cima, sem sapatos e na forma mais relaxada que puder. O silêncio é absoluto, não obstante, coloca-se no paciente uns pequenos aurículos nos ouvidos. De diversas pontas da sala sai uma leve luz de cor rosa. Passados uns minutos, apesar de estar com os olhos fechados o reflexo da luz é percebido perfeitamente. Esta luz muda para uma cor celeste, logo para verde claro, depois para azul escuro e por último mantém-se na cor marrom quase negra. Tudo isto transcorre no espaço de mais ou menos uma hora, isto é, permanece-se com cada cor aproximadamente uns dez minutos. Enquanto isto transcorre, uma voz muito suave e doce transmite através dos audiofones ordens de relaxamento, as que seguidamente fazem com que não se sinta mais o corpo, é como um **desprendimento** astral: logo a voz é substituída pelo som de uma respiração compassada, depois uma música clássica para voltar novamente à voz que ordena fixar nossa mente no problema ou mal-estar que sofremos, até visualizarmos o mesmo. Uma vez conseguido vê-lo mental e completamente resolvido, vê-se a si mesmo alegre, feliz, radiante e sem problema algum, tudo como num painel da mente. Ordena-se que essa sensação deve permanecer para sempre depois da sessão. A cada troca de luz, muda também a música, com outras tonalidades, mas sem deixar de ser suave, logo procedia-se o alagamento da sala com água morna, atingindo a pele suavemente, que produzia uma sensação sumamente agradável. A água sobe lentamente até cobrir completamente o corpo. A cabeça fica de fora apoiada numa almofada. Segue-se nesta lassitude por uma meia hora e depois a água é retirada também suavemente. O indivíduo permanece ainda dez minutos mais em repouso e a voz retorna a dar-lhe ordens, desta vez recomendando acelerar a respiração e preparando o estado anímico do paciente para que dizer-lhe que a partir daquele momento sentir-se-á muito alegre e otimista, por vez que ordena-se-lhe o pleno restabelecimento de seus músculos, membros e corpo todo. Depois de várias respirações profundas

estavam em condições de levantar. Por certo que depois deste tratamento a gente sente-se muito bem. Demorava umas duas horas e aplicava-se a todo tratamento nervoso. A maior parte dos seqüestrados viram-se na necessidade de apelar para esta terapia. Era normal que às vezes os nervos nos atraiçoassem ou nos sentíssemos irritados ou em estado anímico muito deprimido.

Todos os aparelhos eletrônicos baseavam-se na emissão de raios de diversas índoles e eram usados para solucionar diversos problemas, mas também aplicavam a bioenergética com os mesmos resultados positivos. Seus poderes magnéticos eram muito fortes e transmitiam sua força através de seus dedos, isto é, faziam aplicações baropráxicas. A energia emanava da mente, mas eram seus dedos que projetavam-na. Olhando com grande atenção durante estas aplicações, notava-se como se dos dedos emanasse uma luz levemente azulada Explicaram-me que era energia cósmica confundida com a eletricidade, que embora pareçam-se, é uma energia totalmente diferente. Para desenvolvê-la, poder transmiti-la em si mesmos, ou transmiti-la para outro procuravam adquiri-la ao sair à superfície, por meio de respirações compassadas a um ritmo especial e submetidas aos raios solares, pois o sol é o maior fornecedor e como não podem gozar dele lá embaixo o aproveitam durante as oportunidades que têm de sair à superfície. Também extraem essa força quando se alimentam e quando absorvem diversos tipos de líquidos, além da água. É um método muito similar ao utilizado pelos Vogues para o desenvolvimento e acúmulo do que eles chamam de energia prânica. (Nossos antepassados não teriam aprendido por acaso nos seus contatos com os antepassados deles?).

Além dos métodos já descritos e antes de ir descansar acondicionam-se por meio de uma respiração compassada que funciona automaticamente enquanto repousam e fazem com que seus corpos se carreguem permanentemente com a referida energia. Coisa que viria a ser como um acumulador das mesmas que se acham no plexo solar. Ao mesmo tempo que há grande acumulação de energia, serve-lhes para elevar o corpo uns vinte centímetros acima da superfície da

cama, isto é, que praticamente dormem no ar, só têm que conseguir, ao respirar, que o ar espalhe-se nos pulmões para as costas, fazendo a respiração completa em três fases (alta, média e baixa). Efetuando sempre a respiração deste modo parece que se forma uma espécie de curvatura, espécie de meia lua, com suas pontas para cima. É precisamente assim o que cada um deve imaginar-se, que tem formado sob o corpo uma meia lua de luz densa que vai elevando-o e o sustem no ar. Dá-se a isto consistência por meio da mente, durante as horas de descanso. Ao cumprir-se o período desejado dissolve-se a sensação para permitir que o corpo volte novamente à cama.

Essa técnica era desconhecida para mim em parte, mas tenho conhecimento das respirações yoguistas e pude praticá-las. Sei que é factível e convido-os a praticá-la se têm conhecimentos de respiração voga. O resultado é assombroso e em pouco tempo conhecemos perfeitamente, inclusive pode-se realizá-la na água quando boiamos.

Se dormimos e conseguimos manter a respiração neste ritmo o resultado é ótimo, e não existe perigo algum. Este foi um dos benefícios que obtive durante a permanência com eles.

Já expliquei-lhes que obtém com suas mãos o mesmo resultado que com seus aparelhos; estes eram os tratamentos de longa duração. O princípio e a razão que eles têm sobre a causa das doenças é a seguinte: A doença tem três causames, que são mente, espírito, e corpo; entre os três existe uma perfeita harmonia. Quando há alguma distorção em alguma delas, as outras são afetadas, e ao chegar a desarmonia, a matéria produz o que poderíamos dizer uma corrupção por parte de um setor das células, mas claramente, que um grupo delas revela-se, enlouquecem e põem-se contra a mente diretriz e, revoltam-se contra as outras, destruindo-as ou fazendo-as atuar a seu favor; é o que acontece com o processo chamado "doença ataque cada vez com maiores recursos" e termina afetando os órgãos. Poderia por como exemplo o terrível processo do câncer. A célula cancerosa não é uma célula morta, muito pelo contrário é uma célula desgovernada que perdeu o sentido da vida. É um elemento que escapou à sinfonia da construção, corre por outros caminhos,

esqueceu sua função e ao escapar ao controle mestre da mente do órgão e, além do mais da mente gestora do ser e para compensar este fato iniciou um crescimento desarticulado e incontrolável. Ela constrói o tecido cancerígeno vivendo para matar o ser do qual é parasita. Devemos dar a estas células os elementos que faltam, ensiná-las a viver de novo no rumo anterior, conduzi-las pelo caminho da normalidade fazendo-as novamente amar a vida, a construção perfeita, corrigindo o elemento dissociado e levando-o novamente à função para a qual foi criado.

Tudo o que se deve fazer é implantar na célula a harmonia, deste modo destruímos o câncer e salvamos o doente. O que se deve conseguir no sistema celular é instalar um regime de paz e amor.

Àqueles que isto lerem podem pôr em prática estes sistemas, mais ainda, se são profissionais, só devem saber desenvolver esta energia que está ao seu alcance, e sobre todas as coisas, ter fé.

Pode-se aplicar este método para todo o tipo de doença.

Ao aplicar os dedos, sente-se que transmite-se à zona afetada a energia acumulada no plexo solar. Entra-se então,em contacto com a mente das células e fala-se a elas mentalmente, tal como fazemos como uma pessoa. Primeiro tratamos de entabular uma amizade, depois fazemo-lhes uma inquirição sobre sua conduta, e mais tarde convidas-se as mesmas para que voltem à normalidade, para cumprir com a função divina para qual foram criadas e ultimamente ordenamos que devem acatar todo ditado pela mente diretriz, sem duvidar e com perfeita disciplina. Toda vez que as células sãs as rodeiam, fazemo-las saber que estão recebendo forças que emanam dos dedos. As células recebem-nas e devem empregá-las para a ordenação e controle das células dissociadas, e ao finalizar toma-se contato com a mente do órgão, para a qual também distribuem-se ordens de forma que realizem maior controle sobre as células às suas ordens, a fim de que não voltem a repetir tais fatos. Tudo deve ser feito como se estivéssemos admoestando a um filho, com amor e com firmeza.

Para desenvolver a energia de que valem-se os Almarans convido-os

a desenvolver o sistema voga para a força prânica e aplicá-la tal como tenho explicado. É útil para todo tipo de doenças e é claro, nossa medicina do futuro. Pode-se corrigir absolutamente tudo. Também vi que podiam condensar as energias ectoplasmáticas por estes meios e construir até membros completos, como, por exemplo, um braço, é claro que por etapas, construindo a parte óssea, muscular, nervosa e inclusive até a pele. Conectando tudo com a parte material, e ao passar novamente o sangue do corpo por este membro construído por células ectoplasmáticas, pouco a pouco e através do tempo iam substituindo-as por verdadeiras células orgânicas, que é o que fazem por exemplo as estrelas-do-mar e também as planárias.

Nas suas mentes não cabe a idéia da perda de um membro ou parte de sua matéria, conservam-na astralmente, e sem saber na realidade o que fazem, vão substituindo com matéria e células ectoplasmáticas, e com o correr do tempo estas são substituídas por células reais.

Não poderemos também fazê-lo? Estou seguro que sim e isto o futuro dirá, quando a ciência médica se descomercializar e todos tenham conhecimentos suficientes para poder autocurar-se ou auxiliar seus congêneres em qualquer lugar que se encontrem e sem o auxílio de remédios.

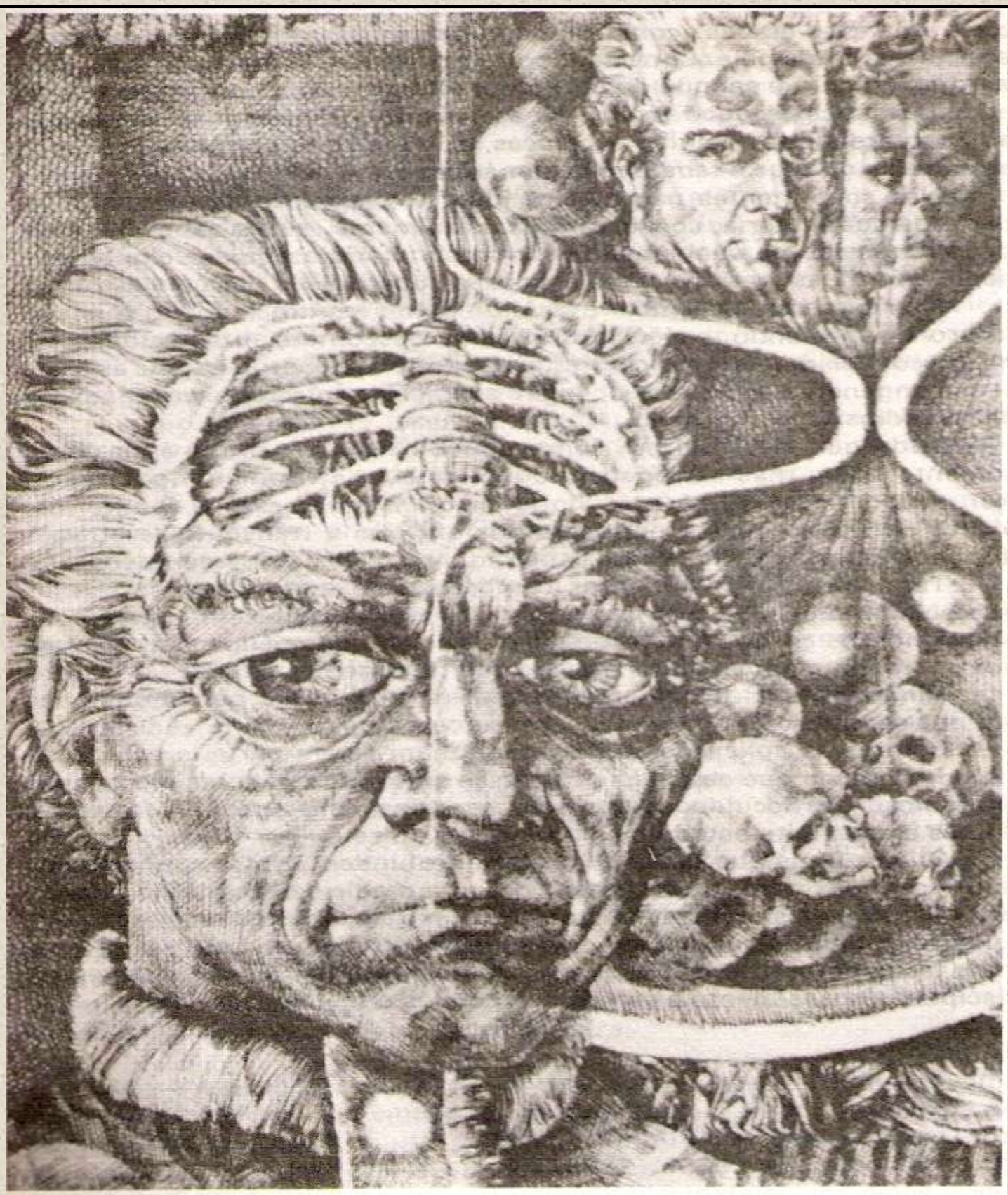
Tudo que eles utilizam como remédio, por via oral é água. Sim, somente água, mas carregada magnética ou eletricamente para cumprir uma determinada função no lugar onde é necessária. O anteriormente dito consegue-se por meio dos eflúvios e transmite-se através dos seus dedos, e com as cargas de rádio de seus equipamentos.

Também os equipamentos cumprem com a revitalização e rejuvenescimento celular, por isto é que eles não envelhecem, e para conservar nossos corpos em ótimo estado, no caso de ocupação por eles, nos submetiam anualmente a tal tipo de tratamento.

Ninguém sofria problemas dentários ou visuais ou de qualquer um dos sentidos.

Com estas aplicações todos mantinham-se em perfeito estado de saúde, e aquele que ao chegar estivesse sofrendo qualquer afecção

ou diminuição das faculdades dos seus sentidos, achava-se pouco tempo depois em perfeito estado e em pleno uso do seu vigor físico.
Queira Deus que os cientistas se aprofundem nestes conhecimentos e logo possamos todos gozar de uma medicina realmente revolucionária por sua simplicidade e por seus extraordinários resultados.
No mundo aqui na superfície, sem problemas físicos, fada-se mais facilmente, mas não esqueçamos que para isto também devemos disciplinar nossa mente e espírito como eles o tem conseguido.



O que era mais impressionante, que toda a energia partia da mente. Era a força mental criando e destruindo, por vezes transportando...

CAPÍTULO VI
A Sabedoria dos Almarans

O que poderíamos chamar religião é para eles uma certeza. Suas crenças, do ponto de vista espiritual, são uma só e uniforme, isto é, nenhum deles duvida de seus preceitos e além disso, é única. Não têm lugar de reunião para seu culto, nem imagens. Nas reuniões falam sobre o tema, mas, para crescer espiritualmente, nos seus próprios quartos meditam e elevam suas petições a Deus, que sem dúvidas é o nosso bom Deus. Coincidem conosco no culto monoteísta.

Acreditam que há uma entidade suprema que é igual a um sol, despede faíscas constantemente, representando os nossos espíritos. Portanto, por ser parte do Deus supremo também são considerados deuses, porque são da mesma constituição.

Como exemplo, os componentes de uma gota d'água são os mesmos da água do oceano. A diferença em volume é sem dúvidas, enorme, mas no fundo, são iguais, pois ambas estão formadas da mesma substância; esta gota d'água ao integrar-se no oceano, o fará perfeitamente e sem problemas. Talvez depois do longo caminho determinado desaparecerá evaporando-se. Esta figura representaria a morte física, para continuar no astral até que o valor a condensar-se cairia e integrar-se-ia no grande oceano, onde cumprir-se-ia o plano cósmico do qual nem eles podem ter conhecimento.

Portanto, acham que encarnam para cumprir um ciclo de aprendizagem que lhes daria o crescimento suficiente para se fazerem merecedores de um período de intensa felicidade em planos mais elevados, depois do qual, reencarnariam noutros planos superiores, ainda d'outras dimensões e assim sucessivamente como se subissem por uma escada. Não coincidem com teorias reencarnacionistas orientais do nosso mundo, que dizem que se deve

continuar retornando a este ou mesmo ao próprio planeta onde se realizou a desencarnação até ter evolução suficiente para poder passar a planos superiores.
Com referência a este ponto entabulei uma polêmica com um superior, ao que se prestam com muito prazer, pois lhes agrada saber nossos pensamentos.
Da minha parte sou partidário da reencarnação, e meus estudos e ilustração a respeito têm sido amplos; por isto enfatizei o fato das diversas manifestações de múltiplas pessoas que reconhecem objetos de sua pertinência anterior e dão dados fidedignos sobre quem foram antes, e os familiares e amigos que tiveram nessa reencarnação anterior.
Em prova de hipnose, quando se faz retroceder o indivíduo na sua vida até que passe ao espaço para depois fazê-lo sentir-se de posse da sua matéria anterior, fala em idiomas desconhecidos na sua vida atual ou executa instrumentos musicais sem ter tido nunca, nem sequer uma lição de música. Quanto a isto têm os Almarans uma opinião muito interessante que aqui transcrevo: manifestam que o espermatozóide que fecunda o óvulo, não só leva os genes da herança física, caráter, modalidades do pai, etc., senão que também, leva a herança da memória do pai e de todos os ancestrais, por isso, o indivíduo é assim uma enciclopédia de conhecimentos e quando ele entra em estado hipnótico afloram à sua mente todos estes conhecimentos, como ao introduzir num gravador uma fita de um tema interessante. Além disso pode repetir tudo o que aprenderam seus ancestrais, não importando o tempo transcorrido. Estes conhecimentos não afloram em forma permanente no indivíduo, porque acarretaria-lhe uma grande confusão de idéias e conhecimentos, dado que nosso cérebro está só desenvolvido numa mínima porcentagem de todo seu potencial e apesar disto, apenas descobrimos que temos poder para alguma coisa, o utilizamos somente em proveito próprio. Quanto à confusão que originam, podemos ver nas criaturas que dizem lembrar sua vida anterior e querem voltar com seus antigos pais ou viver sua vida passada.

A teoria não deixou de fazer-me pensar e tem suas lógicas tentadoras, entretanto, talvez no caso deles seria mais factível, dado ao longo período de tempo que vivem. Cumprindo-se seu plano de eternidade com mais razão poderão com uma só encarnação chegar a evoluir o suficiente para reintegrar-se ao grande Deus Supremo. Quanto a isto ele esclareceu-me que, justamente sua imortalidade durará exatamente até que o indivíduo encontre-se em condições para deixar, de forma absoluta e permanente, a matéria e ter conseguido o suficiente desenvolvimento para não ter que encarnar mais em nenhum outro tipo de plano, planetas ou dimensões, isto é, que tentariam seu total desenvolvimento neste plano presente e valendo-se dos corpos que Ihes suprimos. Não chego a compreendê-Ios suficientemente, talvez tenham razão e possam obtê-Io. Quanto a nós, embora o indivíduo evolucione permanentemente através de sucessivas encarnações, dado que o espaço de tempo que podemos usufruir não nos dá lugar para justificar a aprender numa só etapa de apenas uns oitenta anos (quem tem a sorte de vivê-Ios), que acontece com que às 24 horas de ter vivido na nossa terra já deve deixá-Ia? Isto vemos diariamente. Por acaso o espírito conseguiu evolucionar o suficiente para passar a um plano superior? Ou teve oportunidade suficiente para fazer o bem ou o mal? Não obstante, deverá deixar passar para que a trombeta dos anjos o acordem do seu longo sono e seja julgado? Isto é razoável e verossímil? A vocês cabe responder.

Não me perguntem como; para isto, têm a particularidade de poder meditar.

Reconhecem hierarquias ocupadas por seres que evolucionavam e que de acordo com isto, estão executando suas respectivas missões, também, para seguir evoluindo e assim continuar ocupando postos de maior importância. Consideram que o Ser Supremo está em todas as partes, mas por meio de seus representantes. Em menor escala inclusive estaríamos nós que somos parte dele e pelo mesmo, também deuses, e que achamo-nos regidos e controlados não obstante nosso livre arbítrio. Por exemplo, eles estão regidos por uma entidade superior sem matéria, naturalmente, que é responsável por

sua evolução, e da raça como um todo. Igual como aconteceria conosco, nosso planeta está dirigido por uma entidade muito elevada e que se acha destacada para reger nossos destinos, pelos quais também é responsável (de ser isto certo, não invejo em nada sua missão), que por sua vez acha-se secundado por outros seres também suficientemente evoluídos para cumprir com as missões incumbidas, e cujos resultados haveriam de dar contas. Estas entidades acham-se em missões de dirigir raças, países e inclusive onde há uma grande aglomeração de pessoas, por exemplo, nas grandes cidades, dão um toque característico a cada uma delas, por isto as diferenças e idiossincrasias de seus habitantes, é que recebem o influxo de seus gostos e particulares tendências ou desejos.

Os Almarans podem pôr-se em contato com estes seres tão evoluídos e, igualmente me informaram que há muitos terrestres suficientemente superiores espiritualmente para poder fazê-Io, inclusive o mestre que rege o planeta e que alguma vez foi também um habitante de nosso chão, igual a todos os demais dirigentes que têm evoluído o suficiente para ocupar tais cargos.

Quanto à sobrevivência do espírito dizem que uma vez deixada sua matéria, passa a um plano de ação imediato onde adquire maiores conhecimentos e prepara-se para sua encarnação noutro planeta ou plano mais elevado. Uma vez desencarnado e quando está no plano imediato recebendo os novos ensinamentos, que na nossa contagem podem ser de quinhentos anos ou mais, comunicam-se com eles, não na forma que acreditam fazê-Io os terrestres por meio de médiuns ou aparições fantasmagóricas. O fazem através de um aparelho que poderíamos comparar com um rádio que, capte vibrações inaudíveis para nossos ouvidos terrestres, mas sintonizados nas suas faixas de onda e quando se deve tratar com eles de algum assunto realmente transcendente, fazem chegar suas vozes ou transmissões, mantendo diálogos perfeitamente normais para eles. Falou-me que logo também, lograr-se-ia na superfície, que sobre o assunto eles estavam intervindo para tirar-nos um pouco da grande confusão em que vivemos.

Dominam perfeitamente os fenômenos que estudam a parapsicologia, tais como a telepatia, telequinésia, levitação, o hipnotismo, magnetismo, sugestão, enfim toda sorte de mistérios, com exceção da clarividência de fatos futuros que a respeito não tinham nenhuma faculdade, não podiam ler o pensamento e foi graças a isto que pude fugir, porque sem dúvida, teriam tomado medidas necessárias para impedir-me.

Demandei ao Superior com quem mantinha o colóquio se não considerava nossa raça o suficientemente madura para receber ensinamentos mais elevados que fizessem nossas existências menos duras e mais equilibradas, ao que me respondeu que justamente a encargo deles estava destacada a missão de atuar neste lado do hemisfério e que tinham eleito a América Latina, por serem seus habitantes mais desenvolvidos espiritualmente que os do Norte, os quais só avançavam em questões materiais e que já haviam enviado aos diversos países que conformam esses territórios, entidades suficientemente preparadas e dotadas de poderes, com a finalidade de conseguir o tão desejado "acordar para a verdade", coisa que verificar-se-ia muito cedo.

Junto com esta realidade viviam grandes dificuldades, posto que grande parte de nossa humanidade embora o veja não vai querer aceitar, porquanto vai contra seus interesses criados em entidades políticas e espirituais. Não vai produzir isto um cataclismo, senão que esse fantástico apocalipse anunciado ou esse desastre do mundo que sugere essa teoria é só para as forças regressivas do mal, que não gostarão de dar lugar à harmonia universal. Isto também produzirá choques dado que comoverão as bases políticas, porque a humanidade toda está desejosa de uma nova teoria para a solução de problemas que perturbam seu desenvolvimento harmônico. Vão formar-se milhares de seguidores e propagadores destas novas doutrinas levadas pelos enviados que já nestes momentos têm começado suas tarefas valendo-se dos seus conhecimentos, e que lhes permitem efetuar curas que parecem miraculosas e por meio de conhecimentos filosóficos doutrinários.

Os que se aproximam do mesmo, conhecerão o caminho, para chegar ao fim, queimando etapas intermediárias. Uma vez que o homem vislumbre o novo caminho assegura-se a ele e transforma-se em adepto com conhecimentos suficientes para transcender aos seus semelhantes, é este o sistema de crescimento e conquista de vontades.

Quebrarão todos os círculos com uma nova teoria para que a humanidade reencontre o rumo perdido que em tantas oportunidades saíram à superfície para ensinar-nos. Através desta concepção ter-se-ia uma forma de enfrentar a vida. Os seres simples a receberão com amor. Triunfar-se-ia desta vez, quebrando os círculos fechados, instalando harmonia e começando um novo ciclo de vida. Através dele cada ser humano será dono de si mesmo e não dependerá de seitas e tendências. Dessa forma atingir-se-ia o equilíbrio social e econômico. Quando cada ser fizer-se dono de sua própria consciência começará, dessa forma, a harmonia espiritual, mental e material.

O ser humano através de suas experiências deve chegar ao conhecimento de suas próprias forças, essa força que pertence ao espírito reitor que está dentro de cada ser e que para o mesmo não há segredos, "para aquele que encontra essa força é essência, e com isto consegue-se tudo, tanto física como espiritualmente."

A humanidade requer alterações fundamentais. Uma teoria realmente revolucionária relacionada ao espiritual, produzindo, portanto, uma influência de alterações no que diz respeito ao ser humano, no aspecto político, religioso e moral. Não pode por certo a raça atual, apesar de sua grande evolução no plano físico, em comodidades que tem logrado com sua técnica apurada que já transcende fora dos limites do próprio planeta, sentir-se orgulhoso no respeito à moral e à família, onde a falta de harmonia é total, começando pelo grupo familiar desunido a causa de que o divórcio, numa porcentagem cada vez mais alarmante, onde devido a infinitos fatores se carece no lugar do real afeto e proteção que o Amor maternal levam a causa de que esta trabalha e os filhos não ficam aos cuidados de pessoas eficientes ou qualificadas para a educação total. Não acontece com eles, pois

possuem seu pessoal altamente especializado, é dizer que o tinham, posto que agora o que não têm são filhos. Isto entristeceu um pouco o diálogo, mas respondo-se de imediato, pois além de serem sensíveis, possuem o poder de reação imediata, continuou.
Eles têm enviado já, e muitos mais enviarão proximamente, pois brevemente a humanidade estará pronta para sofrer provas de caráter catastrófico devido às alterações que deverão processar-se na natureza. Fazendo-se eco de suas palavras levou-me ante um écran gigante, onde se encontravam suas cabinas de estudos e laboratório. Apareceu na mesma nosso planeta, e apertando uma série de teclas, me fazia ver sobre a imagem desta todas as zonas que do mesmo seriam afetados por terremotos, maremotos, tornados, nascimento de vulcões, enfim, toda sorte de fenômenos naturais, principalmente a que mais alteraria a face da terra: grandes temporais de neves em lugares típicamente quentes, o que produzirá erradicação de grandes massas humanas, devido ao inclemento do clima e à impossibilidade de sobreviver pelo repentino desaparecimento de alimentos. Lugares que hoje são turísticos e de grande beleza, com vegetação abundante transformar-se-ão em grandes desertos nevados. Todo planeta sofrerá do frio em grande escala, as terras novas que surgirão necessitarão um período de tempo para aquietar-se, o que vale dizer que por alguns anos estarão propensos a diversos movimentos em sua superfície, até assentar-se totalmente. Por certo, as mesmas serão de melhor produção e riquezas e prontas para serem povoadas e cultivadas. Também as terras que se salvarem do cataclismo, serão ótimas para todo tipo de cultivos e as colheitas serão permanentes, que haverá sobre o planeta um clima ideal e desaparecerão as estações, havendo dessa maneira um ajuste em sua massa. Ao ser na realidade a terra uma nave espacial que viaja a imensa velocidade no espaço juntamente com todo sistema solar, está construída em uma forma ideal e equilibrado seu peso também em forma perfeita, mas devido a seu longo transitar se tem produzido algumas mutações na mesma, como as conhecidas falhas geológicas, o homem também ajuda, e ele, fazendo variar o peso em distintos pontos da superfície

com as represas de água construídas, todo ele determinará que o planeta por si mesmo proceda a seu reajuste, isto é, que se sucederá todas suas moléstias de uma vez, ao fim de produzir sua perfeita harmonização. Não deve a raça humana pensar que vai desaparecer, pois ainda que os acontecimentos ocorram rapidamente muito mais rápida do que se possa imaginar; jamais esta se extinguirá.
Também estaremos muito perto de vocês, poderão ver nossas naves e nossos enviados, que vocês, não identificarão porque como sabem usarão nossos corpos, se converterão em líderes a só Ihes ensinarão a verdade, a estes seguirão os terrestres na difusão e prática de suas doutrinas, as quais por sua simplicidade, darão real entendimento com provas simples que estarão à vista de todos. Estas mesmas doutrinas já foram ensinadas à raça humana há séculos atrás quando nossos contatos eram permanentes, em maior número na América do Sul e Central, e também em países do Oriente, sem todavia as poucas notícias que delas possuem, serão vistas por vocês, com verdadeiro desinteresse e até desprezo,(pensando-se o que respeitavam, tal era uma adoração, Ihes resulta até ridículo.) Os ensinamentos estão em vosso poder, as mesmas estão amplamente explicadas e escritas em diversos monumentos, em tábuas de madeira, de pedra e de metal e em todas as formas possíveis, sem dúvida e pese tê-las à vista não as têm logrado decifrar. Muito simples, não o tem logrado pela simples razão que ainda não estão suficientemente evoluídas para tal fim e para sua aplicação, pois nelas não estão somente os ensinamentos que se referem à religião, sem todos os aspectos do ser e do planeta. A criação do mundo, do sistema solar, as verdades do homem, de onde viemos, quem somos e aonde vamos. A revelação deve ocorrer pouco antes do fim do século, pouco antes de começar o ano noventa, e será necessário que a leitura destas mensagens e ensinamentos sejam justamente decifradas por um de nossos homens reencarnado em um de vocês, ou transmigradas como queiram chamá-los.
Foi mostrado no écran todos esses feitos e vi com verdadeiro terror os acontecimentos futuros, não vou mencionar o que vi, nem dizer quais serão as transformações, pela simples razão, de que posso acreditar

o que viram meus olhos, mas não posso eu como simples mortal que sou, saber se estou certo. Muitos profetas de nosso meio anunciaram cataclismos e até mesmo o fim do mundo, o que nunca aconteceu, pelo que, não vou somar-me à eles. Espero que o tempo decida. Também fiz conhecer os antigos ensinamentos que foram dados aos homens, as mesmas são tão amplas e extensas, que não caberiam neste pequeno livro, cuja finalidade é outra sem dúvida. Comprometo-me sim, fazer chegar as mesmas na seqüência de futuros livros, todos os conhecimentos por mim adquiridos entre eles. Podem ter uma idéia de tudo o que gostaria de escrever, se lhes digo que foi ensinado a criação desde o nascimento do sol. Adianto-lhes ao respeito que as antigas religiões que tinham como Deus o sol, eram as mais certas, pois que dirigiam-se suas preces ao causador real da existência da vida em nossa terra, já que a mesma não é criadora de vida, só é receptora desta. E os evito a tratar de entender em forma muito simples sua grande verdade. Só devemos levantar nossos olhos para ver o nosso pai criador da vida em todos os mundos seja ele: vegetal ou mineral. Sempre as coisas maiores, são as que menos vemos. Assim como esta verdade, grande e indiscutível serão dados a conhecer todas as outras afirmativas, e dessa forma alterarão até os conceitos filosóficos, com verdadeira percepção do bem e do mal, do útil e do inútil, da vida e da morte, do porquê de nossos pesares, compreenderemos o que é na realidade o amor, e a que chamamos Deus, e por que cremos neste Deus, todo amor e misericórdia, sendo nós os próprios filhos, não recebemos dele a proteção que esperamos obter de um pai tão poderoso, e feito de todo amor, tal como ao mesmo o interpretamos.

Perguntei-lhe quando a humanidade teria conhecimento fidedigno e veria o resultado da ação dos enviados a tais missões, e se eles poderiam derivar seus poderes a seus seguidores, ao que me respondeu que há quase vinte anos acham-se esses missionários cumprindo essa tarefa, sendo que alguns são já muito conhecidos em todo o mundo por suas curas miraculosas. A etapa realmente revolucionária seria para fins do século, mas periodicamente são

enviados seres com estas missões à superfície. Quanto aos terrestres, ajustar-se-iam poderes similares aos que eles ostentam por meio das glândulas, as quais, como sabemos, são de secreção interna e segregam hormônios. A chamada pineal, que serve para a manifestação das grandes vidências do ser humano tem a força que os orientais chamam de Kundalini, que está alojada na medula espinhal. É uma espécie de fogo purificador, que ascendendo pela medula vai queimando as velhas pétalas espirituais para formar novos centros espirituais do organismo. A todos os seguidores serão dadas forças para que se achem a si mesmos, produzam a harmonia no organismo e estímulo nos centros espirituais.

A finalidade da vida será compreendida como uma só. Encontrar-se-á o EU interno que é a força máxima, para que logo o Eu interior sensibilize todo o organismo e forme a unidade. Não será o EU uma entidade única, senão que o EU tomará posse de nossa mente ou de nossa conexão com a alma e o corpo, para sensibilizá-lo e formar então uma entidade única. Nenhuma ou duas luzes; senão uma, íntegra e pura. A essência esteve sempre, porque a vida nunca teve princípio senão que sempre existiu. A essência em si é neutra, não é nada, não tem valor, por isso desesperadamente desde o início procurou a matéria para manifestar-se e projetar-se.

O triunfo parcial e não total dos antigos mestres tem sido devido a que suas projeções eram mais pessoais, pelo contrário, os novos difusores com mais anos de evolução vêm com uma força diferente que se chama espiritualidade, e ela em si é essência do cosmo, sem dimensão nem distância.

A essência que vive no coração de cada ser, é a consciência, a verdade, a pureza, a força que obriga-lo-á a ser melhor e a nos superar para chegar um dia a poder dizer quando estivermos na frente de um semelhante: "Estou para entregar-me a ti e tu deves também amar teus semelhantes". Todos por intermédio de nossas forças nos encontraremos, embora pertençamos a diversas raças ou mundos, pois somos originários de uma mesma essência e chegaremos a amar ao próximo como a nós mesmos, ou melhor ainda, mais que a nós

mesmos. Quando chegarmos a isto teremos conseguido a harmonia perfeita individual e universal.
Continuou dizendo o Almaran: "Esta é a última oportunidade que damos à tua raça para sua salvação. Todo o vosso passado serviu exclusivamente para formar grandes experiências. Estas experiências estavam cheias de fracassos, de dores, de incompreensões espirituais e físicas. Este conjunto de traves servirá para dar um panorama amplo para o futuro. Assim como a humanidade tem tido um passado turbulento e desagradável, terá um maravilhoso futuro, sempre aplicando a LEI DA COMPENSAÇÃO. O homem do futuro através dessas teorias não vai depender de tendências políticas nem religiosas. Vai depender da sua própria consciência e ao depender dela, sentirá por fim a sensação de êxtase superior interno, que é sinônimo de tranqüilidade, de amor ao próximo e de pureza. Quando as consciências chegarem a tal ponto de purificação não mudará somente o aspecto do ser humano como entidade, senão também mudará a vida de relação. Mudará a apreciação dos sentidos do homem, porque entrar-se-á no circulo da sensibilidade. O motivo de tal situação dever-se-á à pureza da nova consciência triunfando sobre tudo o que é negativo em suas distintas facetas, no homem, no espaço, na alimentação e assim sucessivamente até atingir por fim a limpeza integral que as vibrações de forças positivas e puras terminarão impondo-se às forças negativas e impuras. Sendo a doença produto da desarmonia, o homem do futuro não ficará doente, assim como nós os da nave não o estamos, nem vocês desde que estão aqui, pois todos os sistemas harmonizados afastam a doença. O indivíduo feliz, íntegro e saudável, já não pensa em si mesmo, dá seu ser, sua felicidade, seu saber, dirigindo todas as suas condições favoráveis para a humanidade. Tu já podes ver a verdade do que estou te dizendo ao apreciar em nós esta evolução e a qual tua raça tem a oportunidade, que estamos lhe dando, de chegar também à sua máxima expressão de evolução".
Foi assim como terminou o Almaran de pintar-me tão belo futuro para nossa raça. Oxalá, chegue isso a cristalizar-se!

Isto foi para mim uma formosa lição que, espero, vocês também saibam-na interpretar e realizar.
Esta forma de intervenção por parte deles na nossa evolução, sim, agrada-me e agradecia-Ihes, ao contrário, o que não podia agradar-me eram seus planos, com referência ao domínio do planeta, já que não temos a possibilidade de superar-nos, graças, é claro, à sua intervenção. Pois que nos deixem então também seguir nossos destinos e que entrem de alguma forma a conviver conosco sem interferências mútuas nas nossas diversas evoluções e que elaborem planos de colaboração que redundem em benefício de ambos.
Nas diversas conversações com este superior abordei alguns temas para conhecer seus conceitos a respeito. Um deles foi o que eles interpretam por amor, ou em que se diferencia de nossa interpretação.
- "Não somos pessimistas, somos muito otimistas tentando criar uma ilusão na mente, depois de tomar a visão apropriada ou correta do mundo. Nós sabemos que devemos viver com uma grande esperança, então é quando devemos amar a todos, tratar de servir a todos mas, sem esquecer-se da natureza. Não se pode amar outros sem conhecer a própria natureza e quando se tem fé na imortalidade, quando se tem fé na eternidade, então sim, pode-se amar corretamente, de outra maneira só se trata de realizar o interesse pessoal, o egoísmo, nada mais. Dois corpos juntam-se mas, as mentes também juntam-se? Que se deve fazer? Para juntar as mentes, necessitamos criar as idéias para eliminar as limitações das mesmas, nesse momento uma das entidades deve pensar na sua existência, simplesmente existe no ser que ama, pelo que duas pessoas devem juntar-se para perder suas individualidades, então é quando criam uma individualidade, aqui não existem as matemáticas comuns que dizem que um mais um são dois, no nosso caso, um mais um é um. Dois corações devem juntar-se, mas até que eles não sejam um, nenhum amor verdadeiro pode manifestar-se. Costuma-se dizer "eu amo", "ele me ama", e os corações não se juntam, somente juntam-se à luxúria, e luxúria não é amor. Em todos os círculos fala-se muito de amor, que tipo de amor?

Acredita-se que se ama alguém, por seus cabelos, seus belos olhos, mas esse alguém não é só cabelos ou olhos. Hoje temos cabelos pretos, mas amanhã serão brancos. Hoje tem seus belos olhos, mas amanhã podem ser cegos, mas os cegos necessitam amar, e uma pessoa velha que tem os cabelos brancos também necessita amar, e aquele que ama somente pelos cabelos pretos que essa pessoa tem, não vai amá-Ia então quando seus cabelos estiverem brancos. O mesmo que aquele que ama pelos belos olhos, também não vai amá-Ia quando esta for cega. Por isto o amor verdadeiro necessita do sacrifício da luxúria, do sacrifício do sentido físico, necessita da compreensão do ser, do que existe na alma; é então o amor verdadeiro, é a unificação da alma. Assim aqueles que dão sua alma para o corpo são simplesmente animais, o homem dá sua alma pela alma, nesse momento a pessoa não existe, seus olhos não existem, seus cabelos não existem, sua existência física não existe, somente existe a alma que transcende todo o corpo, em cada pessoa a alma está presente eternamente, podendo expressá-Ia ou explicá-Ia numa beleza. Necessitamos outros olhos para compreender essa beleza, necessitamos outra mente, nesse momento uma pessoa é divina com qualquer tipo de face. Uma pessoa é divina porque cada rosto é de Deus. Não se pode odiar nenhum rosto, não se pode rejeitar nenhuma pessoa. Todas as pessoas são divinas. No campo da divindade todos são filhos de Deus. Seus interesses são interesses de todos. É o caminho que devem seguir vocês, assim como o intentamos nós".

Outra de minhas perguntas sobre o ser era a causa de sua existência, o mesmo que sobre o caminho a seguir, me respondeu:

- "No Universo tudo é ação, a ação nunca deve terminar porque nenhuma pessoa pode existir no mundo sem atuar, o coração bate sem nosso desejo e também sofremos sem nosso desejo. Por isso dizemo-Ihes que devem apagar seus desejos, deve-se atuar segundo um bom motivo, parando-se logo, a natureza traz o futuro segundo seu processo, nesse sentido devem compreender que toda existência humana individual está relacionada com as leis universais. Nossa existência individual é um canal e por esse canal da individualidade

passam todas as leis da natureza. Os olhos são um canal e as leis universais a que pertencem esses olhos passam por meus olhos também. As leis do ouvido, passam por meus ouvidos também. Nesse sentido toda a individualidade é como o aparelho de televisão ,este é um agente, um aparelho pelo qual manifestam-se as ondas de televisão que, estão além da televisão. Assim todas as leis universais manifestam-se por minha personalidade, nesse sentido simplesmente devo deixar ou permitir que todas as leis da natureza funcionem apropriadamente e nada mais. A eletricidade passa pela lâmpada e depois a natureza da lâmpada atua. Quando a energia passa por um rádio, a natureza do rádio funciona, então há duas coisas, uma poderosa eletricidade e um rádio que tem sua individualidade, sua natureza, e, a eletricidade simplesmente faz a natureza individual de um aparelho funcionar segundo sua mesma natureza.

Assim o ser é eterno, imortal, interminável e passa por um aparelho chamado corpo. Há muitas partes do corpo e todas elas têm sua natureza individual e este ser, sem dúvida, permite a todas as partes do corpo trazer o poder do ser segundo sua individualidade, nada mais, então o ser faz como a visão pelos olhos, faz-se o poder de ouvir pelos ouvidos, e, aquele que trata de usar seus olhos contra a natureza dos próprios olhos, então deve retroceder. Aquele que trata de comer contra a natureza do estômago, tem problemas. Tem língua e tem estômago e às vezes não se cuida e simplesmente toma as coisas que gosta e come bastante à noite, por isso, na manhã seguinte tem problemas com o estômago, e o estômago não é culpado. Quem é o culpado? O indivíduo é o culpado, porque no momento de comer não se cuida apropriadamente, porque tem interesse no sabor, sabor é desejo.

Aquele que come só pelo gosto, tem problemas sempre e, aquele que come somente para manter sua existência, tem saúde. Assim mesmo, aquele que trata de gozar sua vida sexual mais do que a capacidade dos sentidos, tem problemas no seu mundo.

Então, antes de comer deve-se ter conhecimento da natureza do estômago; antes de ver devemos conhecer a natureza das leis dos

olhos. Depois de perder a visão não conseguimos nenhum benefício culpando os olhos. Nós temos a TV, e todas as noites vemos o écran da mesma, se uma manhã perdemos nossa visão, então nos perguntamos: Que podemos fazer? Não temos visão, não podemos ver, somos cegos e quem é o responsável? Por que nós não enxergamos apropriadamente? Porque não usamos os olhos apropriadamente.

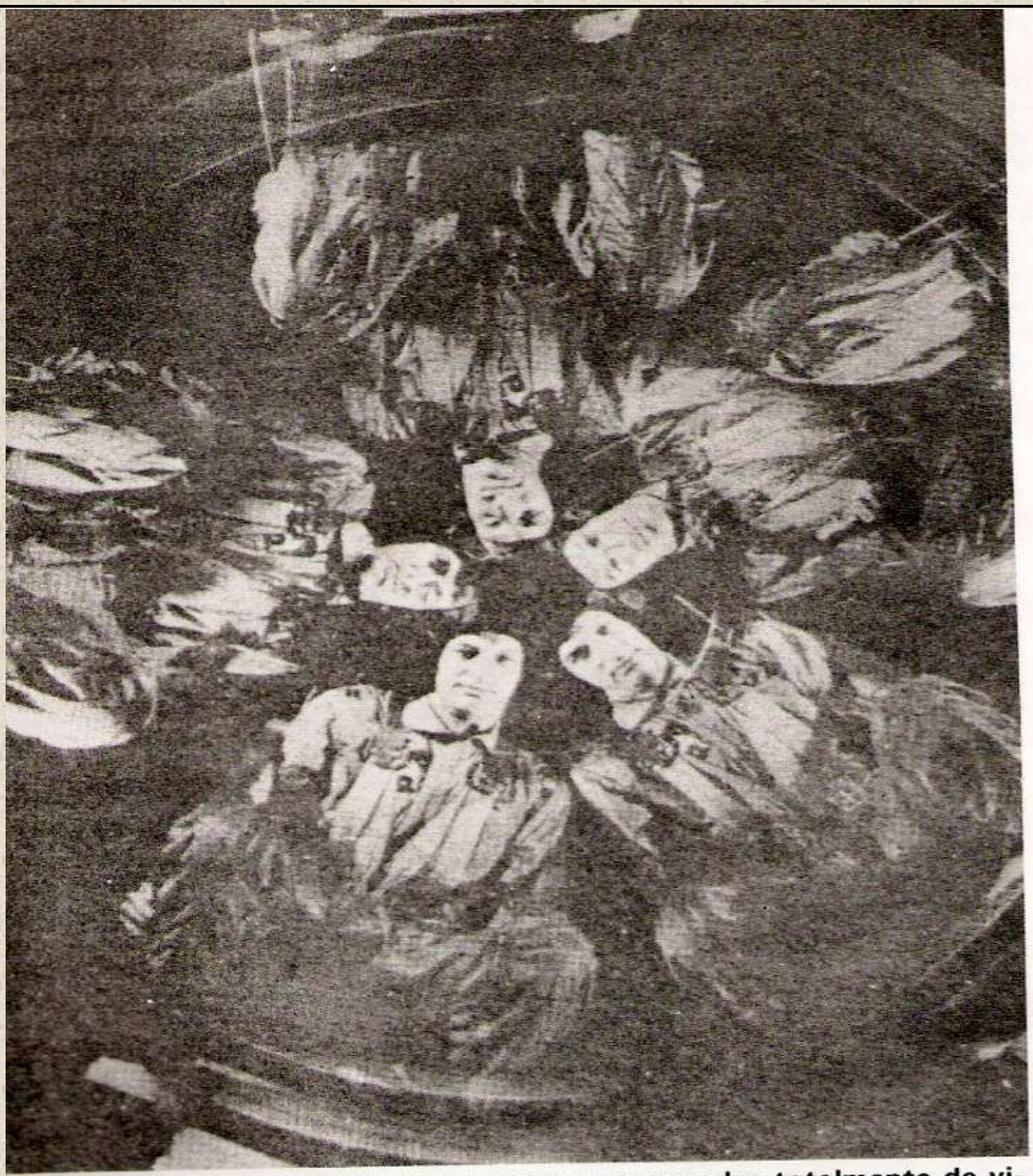
Aquele que conhece, sacrifica seus gostos por sua saúde para viver convenientemente em seu mundo e aquele que simplesmente trata de satisfazer seu gosto, tem problemas. A saúde é a ação natural, então devemos disciplinar nossa vida neste sentido. O homem é a imagem de Deus. Segundo as leis universais uma pessoa tem de trabalhar toda sua vida, logo vem a morte. Muito bem, esta pessoa não tem interesse nem na vida nem na morte, simplesmente tem interesse nas leis universais. Escutei a propósito uma coisa: "aquele que trata de conquistar a natureza sempre perde sua vida, pelo contrário aquele que segue as leis universais, conquista-a". Ninguém no mundo pode conquistar a natureza sem segui-la. Ninguém pode conquistar as leis sem seguir as leis. Sem dúvida aquele as segue sente que tem nova independência ou novas liberdades, mas no mundo nenhuma pessoa pode ter a liberdade absoluta, não é possível. Aquele que tenta manter sua liberdade tem que dar liberdade aos outros. Se temos um caminho por onde transitar, e o mesmo tem dois sentidos, devemos ir por um para não nos chocarmos com quem vem em sentido contrário. Neste sentido as leis universais nos impõem uma limitação, mas esta limitação não é mais que indiretamente a preservação da nossa liberdade.

A vontade é a força que mantém todo o universo. Nenhuma pessoa pode atuar contra a vontade desta força-Deus. No campo da ciência podemos dominar este poder como são as leis naturais ou as forças universais e no campo da espiritualidade podemos dizer que esta força é o ser supremo e no campo da religião podemos dizer: é Deus.

A mesma coisa, simplesmente tratamos de trocar os nomes, a ciência pode explicá-lo porque tudo isto é inato na natureza. A ciência só

pode dizer o que está na ciência.
Nós simplesmente temos direito de conhecer as Leis da Natureza, ou as leis divinas, e devemos seguir estas leis, não é possível a nenhuma pessoa trocá-las. No campo da religião, no da divindade também, no da espiritualidade ou ciência, sempre tratamos de conhecer as leis eternas que governam nosso Universo, e o humano acha-se na liberdade de seguir estas leis, neste momento devemos render-nos à vontade das leis divinas.
Tenho tratado de lembrar com exatidão estes grandes ensinamentos que recebera deste Almaran Superior,os quais me são verdadeiro guia na vida e por isto transmito-as com a esperança de que quando forem lidas por vocês, os conceitos da natureza fiquem já esclarecidos e auxilie-os em sua evolução espiritual.

A fórmula do amor. 1 + 1=1



As salas de cirurgia eram espaçosas e suas paredes totalmente de vidro. No teto, percebia-se uma saliência tal como meio círculo, chamados de postos de observação.

CAPÍTULO VII
A Fuga

Tinham transcorrido seis meses desde o dia em que pela última vez tinha visto o sol. Como não tinha idéia a respeito de ser dia ou noite, resultava-me insuportável e tedioso. Minha amizade e incipiente amor por Diana, tinha-se arrefecido e foi numa das nossas diárias conversas que, uma vez mais, dei-lhe a conhecer meus sentimentos e meus desejos de que se decidisse a tomar uma resolução para comigo, pois sentia-me muito só e abatido. Se soubesse que ela correspondia ao meu amor, servir-me-ia de sustentação para tolerar a vida que me esperava, de não cumprir-me o desejo ardente de fugir desse mundo subaquático.

Diana sentou-se na minha frente, tomou-me as mãos e disse o seguinte:

- "Dadas as circunstâncias que estamos atravessando e porque me resta pouco tempo, sinto-me na obrigação de dizer-lhe toda a verdade a meu respeito. A primeira coisa que direi a você é que algo está acontecendo, que jamais acreditaria chegasse a experimentar e isso é precisamente o mesmo que você sente por mim é uma sensação, posso assegurar-lhe completamente nova. Nunca senti nada igual. É para mim maravilhoso. Não deixo de pensar um instante em você e sinto que minha vida lhe pertence. Se tenho ficado calada até hoje é por temor de que você produza uma reação adversa para comigo e que poderá fazer com que você afaste ou deixe de gostar de mim".

Isto pareceu-me absurdo, eu estava perdidamente enamorado por ela e estava disposto a perdoar tudo que houvesse no seu passado e agora ao saber que ela também me amava meu coração encheu-se de alegria, pelo que respondi que se ela preferia calar o que ia relatar-me que o fizesse, posto que em continuação escapava qualquer presunção da minha parte.

Continuou Diana:
- "Não há no meu passado nada reprovável, pelo contrário, minha vida foi sempre normal e limpa, mas quero que você escute e não me interrompa apesar das surpresas que causarão a você minhas palavras. Este corpo que hoje ostento e que sinto como meu, na realidade não o é. Sou uma Almaran incorporada há vinte anos a esta matéria que pertenceu justamente a uma mulher chamada Diana e cujo nome tenho adotado. Ela deixou a mesma em pleno conhecimento do que acontecia, com a aparência de ter uns vinte e cinco anos terrestres que, era a idade que tinha quando foi dada baixa deste mundo. Era de um país Sul-americano e se achava realizando uma viagem de prazer a bordo de um iate quando foi tomada com todos seus companheiros e a tripulação, e conduzida a este mundo onde agora nos achamos. Era uma pessoa muito inteligente, adaptou-se muito bem a esta vida e esteve de posse de sua matéria por cinqüenta e cinco anos mais; foi quando eu me fiz cargo dele. Gozou sempre de boa saúde e como pode comprovar, a mantenho. Ela não se uniu a nenhum homem apesar de que lhe foi pedido muitas vezes com a finalidade de que procriasse; sempre negou-se. Nunca relatou a causa e quando chegou o momento em que devia deixar sua matéria o fez com alegria. Eu a estudei durante bastante tempo, com a finalidade de conhecer intimamente seus hábitos e forma de agir. Agora direi que somente você sabe que ocorreu a transmigração, isto é, que nenhum terrestre que aqui se acha sabe que este corpo foi dado, ignoram que ocupou seu corpo. Fizemo-lo com a finalidade de aproveitar sua matéria e fazê-la reproduzir. Não obstante, apesar de ser esse o plano, desde que estou no seu corpo, não sei porque rara influência, ainda não me tinha decidido a aceitar nenhum homem até que surgiu você. Acredite que o amo e que jamais tinha sentido tal sentimento, e nesta forma. Mas agora acontece que é tarde demais, porque ao ver que não me decidia a ter relações com os homens daqui, os superiores decidiram já antes de sua chegada, enviar-me à superfície, para o que estão me preparando.
Nenhum de seus congêneres falou nada sobre mim, porque

ignoravam a situação que estou explicando-lhe. Todos acreditam que sou a autêntica Diana. Não obstante posso dizer-lhe que sinto-me autêntica de verdade como se tivesse nascido com este corpo, e quanto a você, amo-o de verdade.

Ocupei meu corpo de Almaran por um período de quase mil e novecentos anos terrestres. Conheço perfeitamente tudo o que se acha na superfície, também sua forma de pensar, atuar e viver. Pelo que minha vida nela resultará fácil. Além disso, como Almaran havia chegado a uma hierarquia das mais altas e como tal sou considerada, embora não tenha já a mesma presença, e assim tem que ser também quando todos nos achamos estabelecidos no exterior. Tudo isto estava muito bem até que apareceu você. Primeiro acreditei que o que sentia por você era uma grande simpatia, mas não obstante e apesar de mim mesma, me apercebi que todos meus propósitos anteriores vêem-se destruídos, tanto é assim que estou disposta a afrontar qualquer coisa para não me separar de você e, isso é o que precisamente vão fazer, daqui a três dias. Serei colocada na superfície e como você bem sabe, já não poderá mais sair daqui, pelo que me ocorreu um plano, em que os dois, se você está disposto, vamos jogar tudo por tudo".

Esta surpreendente revelação tinha-me deixado mudo, embora tivesse querido interrompê-la, não consegui articular palavra alguma. Estava ante mim o corpo de uma mulher que por sua fisionomia e presença não denotava mais de vinte e cinco anos, mas tinha já como cem anos de existência, e, além disso, estava ocupado por uma entidade que tinha uma antiguidade de mais de mil e novecentos anos.

Tudo isto reunido aparentava uma bela e jovem mulher, com todos os melhores atributos e que era a quem eu amava. Além do mais achava-me identificado espiritualmente, não só à pessoa física se não à sua identidade verdadeira, o seu "eu" intangível mais certo, único e real; sim sentia-me emocionado e apaixonado e é isto que se acha além de toda matéria, isto que nos chega de forma tão profunda e que identificamos por amor, amor por essa alma gêmea e que eu tinha achado numa Almaran.

Jamais tinha estado tão enamorado, pelo que é evidente, apesar do extraordinário da situação, meus sentimentos para com ela não se afetaram e pelo contrário, prometi-me com mais tenacidade a lutar contra o que fosse, a fim de conseguir nossa liberdade, pelo que lhe fiz saber que meus sentimentos continuavam sendo os mesmos e que estava disposto a secundá-la em qualquer plano pois de todas as formas eu já me desesperava por achar algum.

Dentro de três dias Diana deveria ser levada à superfície e destinada a um país onde deveria cumprir a missão para a qual tinha sido programada. Junto com ela iriam vinte Almarans mais, que também ocupavam respectivos corpos terrestres; pelo que era urgente aplicar o plano, dado o pouco tempo que nos restava.

E o plano desenvolveu-se assim: no dia anterior à partida, Diana indicou-me o lugar e o momento em que deveriam encontrar-se para serem embarcados. Já a ela não voltaria a ver, assim que devia cumprir tudo com exatidão jogando com a minha sorte. Fez-me um croqui, do lugar indicado, no qual devia ocultar-me previamente. Também me trouxe equipamentos para que me barbeasse, pois eu tinha deixado crescer a minha barba, e um creme para escurecer a minha pele, porque a permanência ali sem jamais expor-me ao sol tinha-me deixado muito pálido.

No tempo que faltava não pude, por nenhum instante dormir, não sabia como passar o tempo. O nervosismo que sentia era grande. Sentia-me só e não poderia compartilhar com ninguém do nosso plano por temer que pudessem impedi-lo; nem mesmo a meu amigo Alexandro. Isto fazia sentir-me como que se o atraiçoasse, já que estava para fugir e não poderia fazer nada para que ele também participasse da fuga. Era realmente impossível, além do que, era um grande perigo. A mim pouco importava porque queria sair de qualquer modo, mesmo sabendo que Diana deveria deixar-me e que jamais voltaria a vê-la. Antes de continuar ali com um panorama tão triste preferia enfrentar o perigo ainda que fosse para perder a vida. Para desafogar um pouco minha consciência, escrevi uma longa carta de despedida para Alexandro na qual lhe indicava minhas intenções, e

lhe assegurava ter êxito; faria o impossível para que os governantes do exterior ficassem informados do que acontece, a fim de tomarem alguma medida e que tentem resgatá-los de algum modo. De qualquer maneira arriscaria minha vida para cumprir tal missão, sem me importar com os riscos. É isso que estou fazendo através deste livro que é uma denúncia e a única forma que posso difundir o que ocorre dentro do fatídico triângulo e, tentar salvar todos os que ali se acham seqüestrados e devolvê-los a uma vida normal e às suas famílias, ou buscar a forma de conseguir um intercâmbio com os Almarans ao que poder-se-ia oferecer em troca, pessoas voluntárias e que quisessem pertencer a seu mundo. No fim, é alguma coisa que me ocorre e me ponho à disposição daquelas pessoas que acreditem haver uma solução ou que possam fazer algo a respeito.

Consegui infiltrar-me até à base de onde partiam as aeronaves para o exterior, depois de passar por vários postos de vigilância, que estavam bem guardados e cheguei até um grande "hall" onde deviam reunir-se aqueles que seriam enviados à superfície. Faltavam ainda umas duas horas. O local tinha várias salas pequenas anexas que serviam de depósito. Numa delas, a que Diana tinha indicado, introduzi-me furtivamente e fiquei aguardando os acontecimentos.

Pude ver de meu esconderijo como iam chegando os futuros viajantes, todos vestidos com roupas simples, das que usamos normalmente aqui na terra. Também levavam malas e outros pertences. Pareciam simples turistas ou pessoas de negócios que iniciariam viagens de rotina; quando na realidade suas missões são tão importantes e de tanta influência para o nosso futuro.

Vi, também, quando chegou Diana, levando uma ampla bolsa; conversou com várias pessoas e, fazia-o por certo como nós, isto é, que usava a palavra falada, pois essa era a forma em que eles conduziriam seus trabalhos ou missões de agora em diante, já que tinham adotado corpos humanos. Com um destes indivíduos Diana se dirigiu ao quarto onde eu me encontrava. Ocultei-me atrás de uns caixotes, Quando Diana entrou com o sujeito. Ele falava constantemente. O indivíduo estava confuso, como se não a

compreendesse. Num dado momento deu-me as costa e aproveitei para aplica-lhe um golpe na nuca com o dorso da mão. Desacordado caiu pesadamente no chão. De imediato o colocamos atrás dos caixotes onde eu tinha me ocultado.
Diana introduziu uma pastilha em sua boca e manifestou-se que a mesma produzir-lhe-ia um sono profundo por um espaço de dez horas aproximadamente e quando acordasse estaria em um grande letargo e com a memória completamente perdida. Tirei minhas roupas e com elas vesti aquele cavalheiro, que era de minha estatura, cor de cabelos e feições algo parecidas às minhas. Sua pele era um pouco mais morena, razão pela qual tinha colocado aquele creme que escureceu minha pele e que por aquelas circunstâncias tinha sido eleito por Diana para substituí-lo; coisa que estava se realizando. Coloquei suas roupas, que afortunadamente me sentavam muito bem. Peguei a malinha que ele trazia e afastei-me do quarto sempre conversando com minha salvadora, ficando depois um pouco retirado do grupo.
Depois de transcorridos alguns minutos distribuíram-nos alguns capacetes e pediram-nos para colocá-los. Era essa a única medida de precaução que nos dariam, para que não ficassem danificadas as nossas matérias, não habituadas às velocidades que iam suportar. Logo nos conduziram por meio das fitas transportadoras até a entrada de um veículo especial na forma de disco voador. Entramos no mesmo, o qual era bastante grande, calculo uns vinte metros de diâmetro, de matéria lisa e brilhante. Seu chão pelo contrário parecia como de borracha ou acolchoado. Sentamo-nos em forma circular, com as costas para as janelinhas. Prendemos as pernas, braços e cintura, com uma espécie de argolas que nos deixavam completamente imobilizados.
Escutamos um som surdo e a nave elevou-se por aquele gigantesco cano que nos levava à superfície e significava-me a tão ansiada liberdade. Os controles eram dirigidos do centro da nave, onde havia painéis terrivelmente mais complicados que os controles de nossas aeronaves. Também havia uma série de telas televisivas, onde

enxergavam-se pessoas com as quais mantinham contato permanente e onde projetava-se tudo o que ocorria no exterior. Era comandado por três indivíduos e havia outros seres que se ocupavam de nós. Ao fim de uns cinco minutos, já estávamos no exterior. Eu me apercebi porque nos rodeava a escuridão, girei a cabeça para ver pelas janelinhas e comprovei que tínhamos saído e que era noite.
Não se sentia nenhuma sacudidela nem nada que nos fizesse pensar que estávamos viajando. Tudo desenvolveu-se normalmente. Minha emoção era muito intensa, finalmente estava para conseguir o meu mais caro desejo. Desejava que aqueles indivíduos não se apercebessem de minha usurpação. Afortunadamente não me prestavam mais atenção que os demais. Sentia intensamente deixar ali Alexandro, e igualmente as outras pessoas que não puderam compartilhar a minha alegria. Ao parecer, o veiculo tomou grande altura e depois deslocou-se horizontalmente e assim viajamos mais ou menos vinte minutos. Em seguida a nave começou a descer, tudo se realizava normalmente, não como nas nossas, parecia que deslizava. Tocou a terra também suavemente. Quatro de nossos acompanhantes tiraram as argolas e depois de despedir-se e pegar suas malas desceram. Não pude vê-los mais e soube que tinham ficado em qualquer ponto do chão norte-americano.
Voltou-se a repetir outra descida, mas esta foi no México e ficaram sete pessoas de ambos os sexos. Isto queria dizer que estávamos viajando, para o Sul. Depois de uns vinte minutos de viagem voltou a descer o disco voador e então foi quando ocorreu o fato que mais me fez sofrer. Ali fizeram descer três pessoas e uma delas era justamente Diana. Ao ver que a mim não desamarravam e que continuaria a viagem, fiquei desesperado. Ela apercebeu-se, e aproximando-se apertou-me a mão como para infundir-me confiança. Retirou o capacete e sorriu, isso auxiliou-me e pude me conter. Descobrindo-se a fuga, não só eu seria afetado, senão também ela. Talvez fizesse muito tempo que entre eles não tivessem tido esse tipo de traição. Não contavam com o fato humano de que houvesse nascido o amor sem fronteiras entre os dois seres, embora de diversas raças.

Originalmente seus espíritos eram similares e da mesma procedência e que pela vontade Divina do Criador, nos unimos apesar das barreiras, isto é, uniam-se nossos espíritos que reconheciam-se como parte integral de uma só entidade e assim queriam permanecer.
Diante do meu grande desconsolo, vi como se afastava de minha vida, talvez para sempre, a mulher que tinha chegado a amar de verdade. A nave prosseguiu viagem, fez outra escala, desceram outros indivíduos. Eu já não prestava mais atenção, achava-me muito triste. Na última escala, eu desci. Tive medo quando tirei o capacete, mas afortunadamente nada advertiram e como não falavam, não houve problemas. Desci pela escada e toquei o solo, ignorava onde estava mas, fazia muito frio.
Podem vocês ter uma idéia do que uma pessoa pode sentir quando praticamente tinha desaparecido deste mundo e que a ele voltava, escapando de um cárcere onde deveria estar recluso para sempre?
Que se reintegrava outra vez ao seu meio ambiente, que poderia voltar a ver os seus?
Por um momento esqueci a pena anterior que fora provocada pela separação do meu amor, mas ao lembrar-me dela fiz o propósito de que na primeira oportunidade iniciaria a busca de Diana. Tinha o pressentimento de que, em efeito, tornaria a vê-la. Diana no momento nem sabia onde se achava, assim que segui meus acompanhantes que eram duas pessoas mais, um homem e uma mulher. Era noite, talvez de madrugada; depois que descemos da nave, dirigimo-nos para um indivíduo que nos estava aguardando. Apresentou-se dizendo seu nome, falava em espanhol e nos estendeu sua mão.
Isto me surpreendeu. Quase tinha esquecido esse gesto, já que os AImarans só cumprimentam, inclinando a cabeça, como os orientais. O indivíduo conduziu-nos caminhando uns duzentos metros, para onde se encontrava seu automóvel, no qual entramos. Nesse momento voltei-me para trás e vi que a nave em que tínhamos chegado tomava um vôo ascendente e a uma velocidade vertiginosa. Os terrestres que viram passar por seus céus, essa plataforma voadora, talvez tivessem medo até de contar, pois além de não serem

acreditados, seriam tomados por loucos.

Por isto tenho minhas dúvidas quanto a mim. Não sei se acreditarão ou não.
O lugar da descida era um pequeno vale encravado entre montanhas de pouca altura.
Viajamos quase uma hora por uma rodovia asfaltada e sempre por terreno montanhoso. No fim começamos ver as luzes de uma cidade. Tínhamos passado muitas propriedades e sem dúvida, o lugar era intensamente povoado. O condutor do automóvel nos manifestou que se achava no lugar há uns quinze anos. Tinha-se adaptado sem nenhum tipo de problemas e que era muito conhecido, por ter feito curas maravilhosas. Mostrava-se muito gentil conosco, denotava uma grande educação e inteligência e tentava fazer-se agradável. Ele também era um Almaran e logo depois de ter-se apossado no seu mundo aquático do traje corporal que ostentava, cumpria uma das missões mais importantes que era a de difundir suas novas teorias religiosas e desenvolver as ciências. Empregava para isto seus conhecimentos médicos tão altamente evoluídos quanto simples e através deles tinha-se tornado muito conhecido na região e no país em que nos achávamos. Tinha inclusive conseguido por meio da harmonização celular a cura de numerosos casos de câncer. Por tudo isto era muito conhecido e respeitado e seus ensinamentos bem aceitos. Posteriormente pude verificar a verdade de tudo isto. Ainda continua com sua missão.
Conduziu-nos a um grande chalé, um tanto afastado do centro da pequena cidade serrana e designou-se um quarto para o casal que me acompanhava, e que ao parecer viviam juntos na cidade Almaran, constituindo um matrimônio, e aqui continuariam no mesmo estado. Deu-me também um quarto, onde ficaria sozinho. Este era amplo e com todos os móveis.
Fechei a porta, sentei-me à beira da cama e comecei a pensar, com muito assombro de minha parte. Tudo tinha transcorrido com tanta sorte no que se refere à fuga. Mas ao lembrar que tudo era graças a

Diana, fiquei angustiado, pois ela não mais estaria comigo. Também ignorava o lugar onde ela se encontrava nesse momento. Revistei minhas roupas e nelas achei documentos com o nome da pessoa a quem eu estava suplantando, e que sem dúvidas, eram falsas. Pelas fotografias dos mesmos, ainda que houvesse alguma semelhança, daria para perceber imediatamente que não eram meus, além do mais tinham a impressão do dedo polegar. Estes documentos eram expedidos pelo governo da Argentina. Isto queria dizer que eu me achava naquele país. Justamente era a minha pátria de origem e era ali que tinha amigos e familiares, embora há muito tempo que não os visitasse, porque a firma internacional para a qual eu trabalhava tinha-me destacado para viajar por outros países.

A lembrança de minha amada fez-me agir de imediato. Tinha que fugir porque em qualquer momento os Almarans poderiam dar-se conta de minha fuga e tanto Diana como eu corríamos grave perigo. Entre as roupas achei também dinheiro, uma soma considerável e na malinha havia diversas peças de roupas e objetos normais para uso diário. Peguei a minha malinha, e abri silenciosamente a janela e pulei para o exterior. Saí da casa pelos fundos que davam para um terreno baldio e de lá me encaminhei o mais rapidamente possível para o ponto onde se divisava maior quantidade de luzes.

Foi então que comecei a tomar contato com a realidade. Tudo o que tinha acontecido não me parecia mais do que um pesadelo. Voltei a me sentir entre os meus. Ao cruzar com as pessoas que jamais tinha visto sentia por elas uma grande afeição. Ninguém podia suspeitar a alegria que sentia de me achar entre eles, e mais ainda, onde menos esperava, no meu próprio país. Perguntei a um senhor pela rodoviária interestadual. Informou-me que se encontrava a umas dez quadras. Encaminhei-me até a mesma com grande alegria. Também sentia muita alegria por caminhar outra vez sobre a superfície de minha querida terra.

Ao chegar no Terminal Rodoviário reconheci o local. Já tinha estado lá em época de férias. Era uma cidade da serra de grande afluência turística e muito conhecida, localizada na província de Córdoba. Muito

perto dela está situada também outra cidadezinha onde vive justamente uma pessoa pela qual tenho afeto, como de mãe para filho. Peguei minha passagem, subi no ônibus e sentei-me na confortável poltrona. Respirei profundamente e quando o veículo começou sua viagem foi então que me senti realmente em liberdade. Uma liberdade que já não estarei disposto a perder, antes prefiro a morte.

Cheguei à vila onde tenho aquele familiar e rapidamente me encaminhei até sua casa. Já estava amanhecendo e voltar a ver o sol entre as montanhas tingindo a paisagem com múltiplos matizes causou-me grande emoção. Ali estava o meu velho e querido sol!

Podem imaginar a surpresa dessa pessoa tão querida quando me viu. Foi verdadeira sua alegria, já que para todos eu já tinha desaparecido do mundo dos vivos. Fiquei na casa deles durante algum tempo, prudentemente. Não observando nada de estranho comecei a arrriscar-me fazendo pequenas saídas. Apresentei-me às autoridades manifestando ter perdido meus documentos pelo que, depois de uma série de tramitações, foram-me outorgados outros novos.

Meu desespero por não saber nada do que tinha acontecido a Diana ia aumentando.

Aquela imagem estava sempre refletida na mente e uma interrogação buscava o meu interior: permitirá a Deus que possamos novamente nos unir?

Aquela imagem estava sempre refletida na mente e uma interrogação buscava o meu interior: permitirá a Deus que possamos novamente nos unir?

EPÍLOGO

Transcorreram três anos, 1ª edição escrito em 1977, e desde então transformei-me num andarilho. Vou de país em país, procurando a mulher que tão profundas marcas deixaram na minha vida. Até agora minha busca tem sido inútil.

Atormenta-me pensar. Que terá sido dela? Levará uma vida normal? Estará também me procurando? Conseguiremos tornar a nos ver? Ou a terão localizado os Almarans? Ante esta idéia, sinto um sentimento de dor e culpa. Sei a sorte que a espera se chegar a cair em suas mãos e, pergunto-me: Ganhou alguma coisa por arriscar-se a dar-me a liberdade?

Não obstante, não tenho perdido as esperanças. Minha busca não terminou e considero que este livro cumprirá, não só a missão de alertar o mundo, senão que, espero que caia um exemplar nas mãos de minha adorada Diana. Quase me atrevo a assegurar que será assim e depois disto, imediatamente trate de comunicar-se comigo para que possamos realizar o nosso tão desejado sonho de união.

Enquanto adoro sua lembrança e continuo à espera de sua chegada, quero aconselhá-los, meus queridos leitores, ponham em prática as sugestões dadas a respeito da medicina que praticam os Almarans. É de real e positiva aplicação. Asseguro-lhes que eu mesmo tenho-a posto em prática, com maravilhosos resultados e, flagelos que nos açoitam, tais como câncer, podem desaparecer. Também meditem sobre os seus raciocínios filosóficos-espirituais que são da mesma forma altamente evoluídos e, aceitemos ou não, eles se imporão conforme forem evoluindo em maturidade, à nossa raça.

Até sempre irmãos terrestres e muito obrigado por terem chegado ao final de minha aventura e, que, qualquer um de vocês pode reviver.

Oxalá que não!